



ISPA | Instituto Universitário

**VINCULAÇÃO À MÃE, AO PAI E AO GRUPO
DE PARES E SUA RELAÇÃO COM A
DELINQUÊNCIA JUVENIL**

MARTA SOFIA DA SILVA FERNANDES VAZ

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Ao longo de todo o meu percurso escolar no ISPA, passaram a meu lado e acompanharam-me na minha caminhada, pessoas que jamais irei esquecer. Foi com essas pessoas que muito aprendi e que muitos obstáculos ultrapassei. Neste último ano, preenchido com tantas aprendizagens, mas também com grandes dificuldades, essas pessoas mantiveram-se a meu lado. Na impossibilidade de as referir a todas, expressarei algumas notas breves de agradecimento àquelas que mais me marcaram durante este percurso e àquelas que me permitiram terminar este trabalho com sucesso.

À Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, um especial obrigada pela orientação e apoio dado ao longo da realização deste trabalho. As suas sugestões, a partilha de conhecimento e experiência, mas também o incentivo à reflexão teórica e aplicação dos meus conhecimentos, foram fulcrais para o desenvolvimento desta investigação.

Ao meu marido, Manuel, por todo o apoio que me tem dado ao longo destes anos e por sempre ter acreditado em mim, nunca me deixando desistir. Por ter sido marido, pai, companheiro e conselheiro sempre atento e disponível, o meu obrigado.

Aos meus filhos, Rodrigo e Tiago, por toda a alegria e felicidade que trouxeram à minha vida. Têm sido os seus olhares ternos e os seus sorrisos sempre dispostos a funcionar, assim como todo o amor que nos envolve, que me têm motivado para tentar chegar sempre mais além.

Aos meus pais, aos meus irmãos e aos meus avós, em especial à minha avó Luísa, por tudo o que me ensinaram ao longo da vida e que me permitiu tornar-me na pessoa que sou hoje.

Aos meus colegas de trabalho, por toda a ajuda e disponibilidade que têm demonstrado.

Às várias instituições, por autorizaram a recolha de dados e auxiliarem na selecção da amostra, imprescindível para a realização deste trabalho. Mas também aos professores das turmas PIEF, que disponibilizaram tempo lectivo para que se recolhessem os dados, e a todos os técnicos dos projectos do Programa Escolhas por disponibilizarem parte do seu tempo laboral.

A todos os jovens que se disponibilizaram e acederam participar nesta investigação.

Por fim, a todos as colegas e amigas que estiveram muito presentes neste último ano, e com quem pude discutir e partilhar ideias, destacando a Margarida, a Inês, a Edna, a Carla e a Bárbara. Um muito obrigado!

Resumo

O presente estudo teve como objectivo analisar o padrão de vinculação presente em jovens sinalizados com comportamentos delinquentes face a figuras significativas (mãe, pai, amigos), e compreender qual a influência dessa vinculação na manifestação de comportamentos delinquentes. Recorreu-se a Instituições que trabalham directamente com jovens considerados em risco. Contou-se com a participação de 125 adolescentes, do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos de idade (média de idades 16 anos). Para medir o grau de delinquência, utilizou-se a *Escala de Desvio e Delinquência* (Gouveia-Pereira & Sanchez, 2010) e para analisar a qualidade da vinculação a figuras significativas, utilizou-se o *Inventário de Vinculação para Pais e Pares (IPPA)* (Neves, L., Soares, I. & Silva, M., 1995). Os resultados obtidos permitem-nos constatar que o padrão de vinculação destes jovens é maioritariamente seguro. Todavia, verificou-se a existência de uma correlação negativa entre vinculação e delinquência, ou seja, quanto menos segura for a vinculação, maior é a ocorrência de comportamentos delinquentes (Questionário de Vinculação à Mãe $r = -.281$; $p < 0.01$ / Questionário de Vinculação ao Pai $r = -.296$; $p < 0.01$ / Questionário de Vinculação aos Pares $r = -.198$; $p < 0.05$).

Palavras-chave: Vinculação; Adolescência; Delinquência Juvenil.

Abstract

The present study aimed to analyze the pattern of attachment with significant figures (mother, father, friends) in young people with delinquent behaviour and to understand the influence of this patterns of attachment in the manifestation of delinquent behaviours. We appealed to Institutions that work directly with young people considered at risk. The sample was consisting of 125 male adolescents, aged between 13 and 18 years (the average age was 16 years old). The *Deviation and Delinquency Scale* (Gouveia-Pereira & Sanchez, 2010) was used to assess the degree of delinquency and the *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA) (Neves, L., Soares, I. & Silva, M., 1995) was used to analyze the quality of attachment to significant others. The results obtained allowed to conclude that the pattern of attachment of these young people is predominantly secure. However there was evidence of an inverse correlation between the attachment pattern and the delinquent behaviours. This pattern is much less secure for the linking of the greater occurrence of the delinquent behaviours (Questionnaire Attachment to Mother $r = -.281$; $p < 0.01$ /Questionnaire Attachment to Father $r = -.296$; $p < 0.01$ /Questionnaire Attachment to Peers $r = -.198$; $p < 0.05$).

Key-words: Attachment; Adolescence; Juvenile Delinquency

Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento Teórico	4
2.1. Vinculação	4
2.1.1. Vinculação e adolescência	7
2.2. A Delinquência Juvenil	12
2.2.1. Delinquência juvenil e família	15
2.2.2. Delinquência juvenil e grupo de pares	19
2.3. Vinculação e delinquência juvenil	21
3. Objectivo e Hipóteses	25
4. Metodologia	26
4.1. Participantes	26
4.2. Instrumentos	35
4.3. Procedimento	37
5. Análise de Resultados e Discussão	37
5.1. Análise descritiva	38
5.2. Análise de correlação	41
5.3. Análises de regressão múltipla	43
6. Conclusão	49
7. Referências Bibliográficas	53

8.	Anexos	59
	Anexo A: Termo de Consentimento Informado	59
	Anexo B: Inventário da Vinculação para Pais e Pares (IPPA)	60
	Anexo C: Questionário de Caracterização do Grupo de Pares	64
	Anexo D: Escala de Desvio e Delinquência	65
	Anexo E: Questionário de Caracterização da Amostra	67
	Anexo F: Caracterização da amostra	69
	Anexo G: Caracterização do grupo de pares dos sujeitos da amostra	77
	Anexo H: Actos praticados pelos sujeitos da amostra sozinhos e em grupo	78
	Anexo I: Consistência interna das escalas – alpha de Cronbach	82
	Anexo J: Análise descritiva dos dados das escalas	92
	Anexo L: Análise de correlação entre as escalas e subescalas da Vinculação e a escala da Delinquência	93
	Anexo M: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação à Mãe e a escala da Delinquência	96
	Anexo N: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação ao Pai e a escala da Delinquência	97
	Anexo O: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação aos Pares e a escala da Delinquência	98
	Anexo P: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala d8 Vinculação às Figuras Parentais e a escala da Delinquência	99
	Anexo Q: Análise de regressão múltipla entre as dimensões estatisticamente significativas das escalas da Vinculação a Figuras Parentais e Pares e a escala da Delinquência	101

Índice de Quadros

Quadro 1: Distribuição da Amostra por Idade	26
Quadro 2: Características Sócio-Demográficas da Amostra	27
Quadro 3: Características Sociais da Amostra	29
Quadro 4: Dados Familiares da Amostra	31
Quadro 5: Características do Grupo de Pares da Amostra	33
Quadro 6: Médias (M), Desvios-padrão (DP) e alphas de Cronbach (α) dos resultados das provas	38
Quadro 7: Análise de correlação entre as escalas e subescalas da Vinculação e a escala da delinquência	41
Quadro 8: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação à Mãe e a escala da Delinquência	44
Quadro 9: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação ao Pai e a escala da Delinquência	45
Quadro 10: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação aos Pares e a escala da Delinquência	45
Quadro 11: Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação às Figuras Parentais e a escala da Delinquência	46
Quadro 12: Análise de regressão múltipla entre as dimensões estatisticamente significativas das escalas da Vinculação a Figuras Parentais e Pares e a escala da Delinquência	46

1. Introdução

A Teoria da Vinculação, impulsionada por Jonh Bowlby (1969), vem postular que a criança tende a evidenciar a necessidade biológica de desenvolver relações de proximidade com diversas figuras, dirigindo o seu comportamento de vinculação para as mesmas. Este processo de vinculação é formado durante a primeira infância e baseia-se, então, na natureza e na qualidade das primeiras interações da criança com as figuras parentais ou com outras figuras próximas e/ou substitutas. O padrão de Vinculação construído na infância tende a persistir até à idade adulta, sendo mesmo um protótipo de futuras relações. Todavia, e sendo a adolescência um período de grande transformação, onde se verifica um distanciamento das figuras de vinculação iniciais e uma mudança nestas relações, assim como a criação de novos laços afectivos com outras pessoas, é fundamental a existência de uma relação de vinculação segura na infância, na medida em que o sistema de vinculação parece ajudar o adolescente no processo de autonomização (Perdereau & Atger, 2004).

Por outro lado, não podemos esquecer que a adolescência é uma fase de extrema importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e é marcada por um conjunto de mudanças que permitem uma progressiva transição da infância para a idade adulta. Segundo Alarcão (2006), é devido a todas essas mudanças que a adolescência é considerada como um período de experimentação, onde o adolescente experimenta diversos papéis e relações, fundamentais para a construção da sua identidade. No entanto, é importante que a sociedade conceda uma moratória ao adolescente e isso nem sempre acontece. De acordo com Relvas (1996), facilmente a adolescência é associada a uma imagem de rebeldia e rejeição dos valores instituídos, sendo frequentemente ligada a um conjunto de expectativas negativas, a maioria das vezes ligadas a consumo de drogas e a violência.

No decorrer dos últimos anos, vários têm sido os estudos que se têm debruçado sobre a influência negativa da família na ocorrência dos comportamentos delinquentes dos adolescentes. E contrariamente a estudos anteriores que enfatizavam a influência de variáveis do panorama familiar de forma isolada, os estudos mais recentes incluem uma interacção de factores na explicação do surgimento e manutenção do comportamento delinvente (Fonseca, 2002). No entanto, e ao pensarmos sobre esta temática, temos que considerar que a família tem vindo a mudar ao longo dos tempos, tanto ao nível da sua organização, como do seu funcionamento. Actualmente, já se encontram mais famílias monoparentais, mais casais divorciados que dividem a guarda dos seus filhos, mais casais em que o marido divide com a mulher as tarefas domésticas, entre tantos outros aspectos importantes. Logo, têm ocorrido mudanças ao nível do funcionamento e estrutura familiar ao longo dos anos e, como tal, é fundamental que novos

estudos sejam desenvolvidos, pois se a constituição da família tem vindo a mudar, então provavelmente também a relação entre família e a delinquência dos adolescentes tenha mudado. E embora a família vá perdendo influência à medida que a criança começa a entrar no período da adolescência, altura em que agentes como o grupo de pares, ou a escola começam a destacar-se, a família não deixa de ser importante e atender às necessidades fundamentais do jovem (Le Blanc & Janosz, 2002).

Nesta continuidade, é importante ressaltar a importância do grupo de pares durante a adolescência e a sua influência na delinquência. Segundo Simões (2007), a associação e pertença a um grupo de pares que possibilita, aceita e compactua com comportamentos desviantes, acaba por gerar uma fonte de influência de comportamentos desviantes aos seus membros. Assim, estes mesmos colegas fornecerão não só um modelo, como também a preparação para comportamentos delinquentes. No entanto, há que ter em conta que um adolescente com comportamentos problemáticos, tenderá a associar-se a colegas, também eles, com comportamentos problemáticos (Patterson & Yoerger, 2002).

De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (2010), a criminalidade juvenil, praticada por menores de 16 anos, subiu 10% no ano de 2009, embora a criminalidade nos crimes gerais participados às autoridades tenha diminuído 1,2% e 0,6% na criminalidade violenta e grave. No entanto, e segundo Machado (2004), muitos dos comportamentos delinquentes, não são alvo de condenações e, grande parte das vezes, nem chegam a ir a tribunal, o que contribui para a ausência de dados rigorosos sobre a sua frequência. Portanto, e tal como a própria autora afirma, a delinquência oficial não corresponde à delinquência real. Todavia, estes dados não deixam de ser preocupantes, e colocam - ou pelo menos deveriam fazê-lo - a delinquência juvenil como uma séria preocupação da sociedade. Toda e qualquer investigação que procure apreender os factores, condições ou pressupostos que possam estar na génese, manutenção ou regressão de comportamentos delinquentes, é de extrema relevância.

Segundo Fonseca e Simões (2002), a qualidade da relação pais-filhos é um entre muitos factores (do indivíduo, da família, do grupo ou do meio em geral) que protegem a criança contra as inúmeras oportunidades de se envolver em comportamentos delinquentes e, portanto, é extremamente importante que os pais desenvolvam fortes laços de vinculação com os seus filhos desde cedo. Todavia, não só a vinculação em relação às figuras parentais é importante ser analisada, também a vinculação em relação ao grupo de pares é de extrema importância, na medida em que o mesmo desempenha um papel de excelência durante este período.

Assim, a realização de estudos que procurem compreender a influência/impacto da vinculação na manifestação dos comportamentos delinquentes durante a adolescência, é fundamental. E embora a delinquência juvenil seja foco de muitos estudos em diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas por se revelar, cada vez mais, um fenómeno inerente à sociedade, o estudo da mesma nunca estará terminado, pois haverá sempre respostas por encontrar. Será sempre importante considerar que existe um conjunto de variáveis e perspectivas teóricas que explicam o fenómeno da delinquência e que não se excluem entre si. No entanto, só com o desenvolvimento e actualização deste tipo de investigações, novas perspectivas para intervenção estarão em aberto, ao mesmo tempo que as possibilidades de prevenção serão maiores.

Deste modo, o presente estudo tem como objectivo primordial analisar o padrão de vinculação presente em jovens sinalizados com comportamentos delinquentes face a figuras significativas (mãe, pai, amigos), e compreender qual a influência/impacto dessa mesma vinculação, ao nível das dimensões da comunicação, confiança e alienação, na manifestação dos comportamentos delinquentes desses mesmos jovens.

Assim, será desenvolvido, ao longo deste trabalho, uma revisão de literatura acerca da temática, essencialmente sob o olhar de uma abordagem sistémica. De notar apenas que o objectivo deste estudo não assenta na identificação da causa do aparecimento do comportamento delinvente, já que é largamente aceite que o mesmo é um fenómeno que assume diversos contornos, sendo multiplamente influenciado. Pretende-se, então, apontar factores associados à vinculação que, consoante os seus padrões, podem assumir-se como de risco ou de protecção, sendo que a exposição a múltiplos factores de risco potenciam o surgimento do problema. Deste modo, a vinculação é aqui encarada enquanto variável que suporta a ênfase e não o determinismo para o surgimento de comportamentos delinquentes. Como tal, não poderei deixar de apontar a perspectiva de Born (2005), quando refere que tanto a noção de predictividade como a de risco, frequentemente resultantes de estudos empíricos quantitativos, dizem respeito a probabilidades estatísticas, não se devendo fazer das mesmas determinismos ou causas, já que ultrapassaríamos largamente o seu significado. Deste modo, e como já referido, pretende-se apenas apontar potenciais factores associados à vinculação que contribuem para o surgimento ou manutenção da delinquência e, desse modo, encará-los como potentes aliados para a intervenção na delinquência juvenil.

2. Enquadramento Teórico

2.1. *A Vinculação*

Nos primeiros anos de vida, a criança estabelece uma *relação primordial* com uma figura primária. Esta relação, geralmente designada por *vinculação*, é um alicerce de extrema importância para o futuro desenvolvimento da criança. Definida como uma relação emocional próxima entre duas pessoas, caracterizada pelo afecto mútuo e pelo desejo de manter proximidade (Bowlby, 1981), é um processo que se forma durante a primeira infância e que se baseia na natureza e na qualidade das primeiras interações da criança com as figuras parentais ou com outras figuras próximas e/ou substitutas. John Bowlby foi o grande impulsionador da Teoria da Vinculação, e veio postular que a criança tende a evidenciar a necessidade biológica de desenvolver relações de proximidade, dirigindo o seu comportamento de vinculação para diversas figuras (Bowlby, 1969).

O trabalho de Bowlby nesta área da relação primária mãe - bebé teve como base as suas próprias experiências enquanto psiquiatra, tendo esta teoria as suas raízes nos anos 30, quando Bowlby trabalhava com crianças privadas de cuidados maternos devido à II Guerra Mundial. Segundo Bowlby (1969/1984), a relação privilegiada que se estabelece com a mãe, denominada então de vinculação, é essencial para o desenvolvimento e sobrevivência da criança, pelo que irá influenciar todo o seu desenvolvimento e funcionamento posterior. Como tal, todo e qualquer comportamento de vinculação, que Bowlby (1984) define como “*qualquer forma de comportamento que resulta na consecução ou conservação, por uma pessoa, da proximidade de outra preferida*”(p. 38), tem como base um conjunto de sistemas característicos da espécie, que são independentes e têm origens diferentes no decorrer do desenvolvimento (Bretherton, 1992). Deste modo, os comportamentos de vinculação, sejam eles de sinalização (sorriso e chupar), de natureza aversiva (choro) ou activos (agarrar e seguir), embora sendo diferentes na sua especificidade, todos têm a finalidade de aproximação/ligação do bebé à sua figura vinculativa.

De acordo com Bowlby (1969/1984), nos primeiros meses de vida da criança, estes comportamentos organizam-se de uma forma muito pouco elaborada, tomando novos contornos entre os nove e os dezoito meses. Orientam a criança para um objectivo corrigido, mais sofisticado, que tem como meta a proximidade. Enquanto a figura de vinculação continuar acessível à criança, o comportamento pode não ser tão intenso, passando apenas por uma verificação, visual ou auditiva, da figura. Quando isto não acontece, a criança pode chorar ou chamar para prender a atenção da figura. Estes comportamentos de vinculação levam ao desenvolvimento de laços afectivos, que segundo o autor se mantêm activos durante todo o ciclo de vida. Todavia, a activação destes comportamentos de vinculação pode ser desencadeada por diferentes factores, o que origina variações nas suas características e intensidade. Estes factores

podem provir da própria criança (fome, fadiga, dor, sono e frio), ter origem no meio que a envolve (acontecimentos alarmantes, bruscos, presença de estranhos) ou estar relacionados com a localização e comportamento materno (ausência, partida, insensibilidade ou desencorajamento da proximidade). A conclusão destes comportamentos pressupõe sempre a proximidade da figura de vinculação, cumprindo sempre duas funções: uma biológica e uma psicológica.

No entanto, e embora a criança eleja uma figura principal de vinculação – que tende a recair sobre a figura responsável pelos cuidados dispensados à criança, como conforto e segurança, desempenhando um papel fundamental no seu desenvolvimento – ela vai também dirigir o seu comportamento de vinculação para outras figuras, designadas por figuras alternativas. A este estabelecimento de relações de vinculação diferenciais, Bowlby (1969) designou como desenvolvimento de uma *hierarquia* das relações de vinculação, onde a criança detém capacidade de discriminação, procurando determinadas figuras para um fim. Como tal, o estabelecimento da relação de vinculação principal e a ligação afectiva às figuras alternativas dependem sobretudo de quem lhe presta cuidados, da qualidade destes cuidados e da composição do sistema familiar em que se insere.

No que concerne à selecção da figura principal de vinculação e das figuras secundárias, normalmente a escolha recai sobre figuras afiliativas da composição familiar. E embora exista maior incidência para a mãe biológica como escolha para a figura de vinculação principal, este papel pode ser efectivamente assumido por outra pessoa, desde que se comporte de um modo maternal e responsivo em relação à criança, respondendo prontamente e adequadamente aos seus sinais e abordagens (Bowlby, 1969). Porém, ao pensarmos em relações de vinculação simultâneas, sabemos que, geralmente, a criança estabelece uma relação de vinculação com a mãe e com o pai. De facto, a teoria da vinculação apresenta-nos ambas as figuras parentais enquanto figuras de vinculação, não deixando de distinguir que a comparação dos processos de vinculação a ambas as figuras é complexa, pois a organização das famílias, relativamente aos cuidados parentais, pode ser variada e sofrer alterações ao longo do desenvolvimento da criança (Howes, & Spieker, 2008). Tal como esclarece Bowlby (1969), as crianças tendem a manifestar necessidade de interagir de um modo contínuo e estável com outras figuras significativas, nomeadamente com o pai. No entanto, e no que respeita ao papel da figura paterna, o autor entende-a como uma figura de interacção social e actividade lúdica, sendo assim uma figura alternativa de vinculação.

Todavia, ao longo das últimas décadas, tem-se vindo a assistir a um acréscimo de estudos empíricos em relação à figura paterna, reconhecendo-se a sua importância no desenvolvimento da criança/adolescente e do seio familiar, como também a importância do envolvimento paterno e seu contributo para a relação de vinculação entre pai-filho (e.g. Lamb, 1987; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000; Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Monteiro,

Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008). Deste modo, e em contraste às concepções primárias e tradicionais em que se enfatizava o papel da figura paterna como o responsável pela subsistência familiar e suporte económico, as discussões empíricas mais recentes e focadas no envolvimento paterno têm vindo a permitir o reconhecimento de que o pai desempenha importantes papéis na dinâmica familiar, sendo distinguido como companheiro, fornecedor de suporte emocional, prestador de cuidados, modelo a seguir e protector (Lamb, 1987; 2010).

Nesta continuidade, e ao nos debruçarmos sobre a Teoria da Vinculação, não podemos deixar de distinguir a importância de outros contributos essenciais, como é o caso dos trabalhos de Mary Ainsworth, que se revelaram determinantes no desenvolvimento experimental desta teoria e permitiram um olhar mais científico sobre a mesma (Guedeney, 2004). A autora, que em 1950 se congregou ao grupo de investigação de Bowlby, concebe a Teoria da Segurança juntamente com Blatz, defendendo ser fundamental que as crianças desenvolvam uma dependência segura relacional com os pais. Vem realçar, assim, a importância do conforto, do afecto e da disponibilidade parental para a construção de uma *base-segura*, a partir da qual a criança explora o meio e encontra suporte emocional no retorno da sua exploração (Bretherton, 1992). Pioneira de grandes estudos de observação naturalista, e do primeiro estudo empírico sobre a vinculação (*“Infancy in Uganda”*), Ainsworth favoreceu o desenvolvimento da Teoria da Vinculação, apresentando dados fundamentais para o crescimento do estudo empírico das diferenças individuais na qualidade da interacção da relação de vinculação mãe/criança. Foi também Ainsworth quem impulsionou a avaliação da sensibilidade materna aos sinais da criança. Deste modo, Ainsworth veio então demonstrar que o sentimento de segurança é de extrema importância na organização e expressão da vinculação. Fundamental nos primeiros anos de vida, torna-se progressivamente um conceito internalizado, que tem como fim último a independência do indivíduo. Se a criança tem uma base segura, confia na disponibilidade da figura materna para a apoiar, então parte para a exploração sabendo que, mesmo que se afaste muito nas suas brincadeiras, terá para onde voltar (Bretherton, 1992; Cassidy, 2008).

Foi também Ainsworth quem, através das suas observações experimentais, veio propor a “Situação Estranha”. Os resultados encontrados manifestaram diferenças ao nível da qualidade de vinculação, levando à posterior identificação de três padrões de vinculação, designadamente: Inseguro-Evitante, Inseguro/Resistente ou Ambivalente e Seguro. As crianças com um padrão de vinculação Inseguro-Evitante são crianças que exploram prontamente o meio, não dando qualquer importância ao paradeiro da mãe e que aquando da separação não demonstram sinais visíveis de angústia, ignorando a mãe episódio de reunião. Tendem ainda a ser crianças que resistem activamente a serem confortadas, e aceitam atenção tanto do estranho como da mãe; as crianças com um padrão de vinculação Inseguro/Resistente ou Ambivalente são crianças que

evidenciam ambivalência na proximidade com a mãe, oscilando entre a busca de proximidade e contacto e a resistência ao contacto e interacção com a mãe. A separação da mãe provoca angústia, mas no episódio de reunião mostra-se ambivalente, resistindo ao contacto físico iniciado pela mãe; já as crianças com um padrão de vinculação Seguro, são crianças que revelam segurança na proximidade com a mãe, utilizando-a como base segura para exploração do meio. Não têm necessidade de se ressegurar constantemente da presença da mãe e mostram um interesse positivo no estranho. Nos episódios de separação sentem a falta da mãe, e na reunião com a mãe, cumprimentam-na efusivamente, tendendo mesmo a procurar o contacto físico. Quando reconfortadas, voltam à actividade de exploração.

Posteriormente, Main e Solomon (1990) consideraram a existência de um quarto padrão de vinculação, que denominaram de Desorganizado/Desorientado. As crianças pertencentes a este grupo apresentavam um comportamento desorganizado sem um objectivo claro, apresentavam na situação experimental movimentos incompletos, estereotípias, paragens, medo da figura de vinculação e confusão face à reacção a ter na presença e ausência da mãe. Apesar de poderem revelar padrões de vinculação organizada, seja esta segura ou insegura (ambivalente ou evitante), a característica que mais se evidenciava era a falta de uma estratégia coerente de vinculação.

Assim, a Situação Estranha (que inicialmente surgiu como procedimento padronizado para explorar as modalidades normais da interacção mãe-filho) veio a ser muito útil na investigação das diferenças entre as díades, tornando-se num paradigma experimental no que concerne à vinculação. Actualmente, é o método de investigação mais utilizado na avaliação da qualidade da vinculação da criança aos seus cuidadores (Guedeney, 2004).

Podemos concluir, deste modo, que a Teoria da Vinculação encontra a sua origem no trabalho conjunto de Bowlby e Ainsworth, sendo que foi Bowlby quem proporcionou as bases teóricas necessárias para que Ainsworth pudesse desenvolver uma metodologia de investigação necessária para por em prática os constructos teóricos (Bretherton, 1992).

2.1.1. Vinculação e adolescência

Embora a vinculação na infância seja o principal foco de atenção da maioria dos estudos relacionados com a temática da vinculação, já várias têm sido as investigações que se têm focado nas relações de vinculação na adolescência e na idade adulta, enfatizando o seu papel importante no desenvolvimento geral dos indivíduos. As conclusões gerais da grande maioria dos estudos têm ressaltado, sobretudo, a influência da qualidade dos cuidados parentais durante a infância, na qualidade das relações que se estabelecem na idade adulta (Collins & Read, 1990).

Sendo a adolescência um período de grande transformação, onde se verifica, entre outros aspectos, um distanciamento das figuras de vinculação iniciais e uma mudança nestas relações, assim como a criação de novos laços afectivos com outras pessoas, é fundamental a existência de uma relação de vinculação segura na infância. O sistema de vinculação pode facilitar o processo de autonomia do adolescente, tornando-se este processo mais fácil quanto mais seguras forem as suas relações com as figuras parentais (Perdereau & Atger, 2004). Também segundo os mesmos autores, durante a adolescência emerge a imposição de uma organização predominante da vinculação, a partir dos padrões de comportamento divergentes perante as figuras de vinculação, sendo tal processo possibilitado pela evolução das capacidades cognitivas do adolescente. Neste sentido, tais capacidades acrescidas possibilitam, ainda, a construção de um padrão de experiências de vinculação mais integrado e generalizado, elaborado a partir de experiências com múltiplas figuras significativas. Deste modo, os desenvolvimentos cognitivos e emocionais que se afiguram permitem a reflexão e a modificação das concepções mentais relativamente às relações de vinculação. Assim, uma vinculação segura encontra-se inerente a uma figura de base-segura, que transmitirá confiança enquanto prestador de cuidados, disponível e responsivo, manifestando presença contínua ao longo do tempo e dos contextos. Esta mesma segurança predizirá padrões seguros relacionais na adolescência (Allen & Land, 1999; Allen et al., 2003; Allen, 2008). À luz destes dados, Allen et al. (2003) vêm destacar que é a partir de um suporte de base-segura, em que impera o relacionamento positivo com a figura materna, que se desenvolve na adolescência uma boa capacidade de autonomia e de avaliação de relações parentais, sendo o adolescente capaz de explorar a sua independência intelectual e emocional.

Nesta continuidade, é também importante referir as conclusões obtidas por diversos estudos empíricos de carácter longitudinal que se têm debruçado sobre a continuidade e estabilidade do modelo de vinculação desde a infância à idade adulta. E embora os resultados obtidos pelos mesmos sejam divergentes em alguns aspectos, apresentam variados pontos em comum. Hamilton, no seu estudo em 2000, veio evidenciar que a qualidade da relação estabelecida entre mãe-criança na infância se encontra significativamente associada às representações da vinculação no período da adolescência. O autor verificou, ainda, que alterações na classificação do modelo vincutivo se encontram dependentes de acontecimentos de vida negativos. Também em 2000, Ammanitti, Van IJzendoorn, Speranza e Tambelli, vêm referir que possíveis alterações destes modelos possam ser influenciadas e ocorrer em função dos diferentes momentos desenvolvimentais e dos diferentes contextos, destacando a exposição a situações de risco. Por sua vez, Aikins, Howes & Hamilton (2009), verificaram baixos níveis de estabilidade de vinculação no período infância-adolescência, indo ao encontro de potenciais mudanças nas representações de vinculação. Uma vez mais, o papel interveniente e determinante dos

acontecimentos de vida stressantes e negativos parece estar aqui ilustrado. Pressupõe-se, assim, a existência de uma evidente moderada estabilidade do padrão de vinculação ao longo do tempo. Contudo, estes níveis de estabilidade tendem a ser inferiores em populações de risco.

No que concerne à relação com os pares, também parece existir o consenso de que as relações de vinculação segura com os pais na adolescência tendem a ser positivamente relacionadas com resultados positivos ao nível da relação e popularidade com os pares, estando de igual forma associados a elevados níveis de competência social e a valores elevados ao nível da qualidade de amizade e aceitação social (Allen & Land, 1999; Allen et al., 2004). Já em 1969, Bowlby afirmava que a qualidade das relações de vinculação se afigura o constituinte fundamental das bases do desenvolvimento da vinculação da criança com o seu cuidador primário. Tal facto tem vindo a ser evidenciado em várias investigações empíricas, que reconhecem que a qualidade das relações primárias de vinculação é essencial na compreensão da natureza das relações sociais das crianças e adolescentes. São, então, as experiências de vinculação primárias que definem o decurso das relações subsequentes, detendo influência ao nível do funcionamento psicossocial e sócio-emocional. Deste modo, são as primeiras relações de vinculação protótipos importantes para as posteriores relações, manifestando-se como preditores fundamentais das relações de proximidade com os pares (Allen, 2008). Este facto assume maior importância se pensarmos que é no período da adolescência, mais concretamente na pré-adolescência, que as interações com os pares começam a deter muitas das funções que servirão mais tarde como bases importantes para a intimidade, comportamento social e, principalmente, para as relações de vinculação (Aikins, Howes & Hamilton, 2009).

Os primeiros estudos a reportar e a examinar as ligações entre a vinculação pais-criança e relações de pares, foram os estudos do Minnesota (Sroufe, 1983, cit. por Sroufe, 2005), que vieram ressaltar que a qualidade da vinculação primária entre criança-cuidador se encontra associada à competência com os pares e ao estabelecimento de relações de proximidade na adolescência, como as amizades (Sroufe, 2005). Evidencia-se, desta forma, que adolescentes com vinculação segura na infância manifestam altos níveis de competência social e emocional, manifestando qualidades positivas relacionais ao nível da amizade (Sroufe, Egeland, & Carlson, 1999, cit. por Sroufe, 2005), em contraste com adolescentes com uma representação de vinculação ambivalente ou evitante, que mostram menos hostilidade, mais empatia e maior afecto positivo para com os pares (Zimmermann, 2004; Sroufe, 2005; Doyle, Lawford, & Markiewicz, 2009).

Também as investigações de Lieberman, Doyle e Markiewicz (1999) e Rubin et al. (2004) vieram evidenciar que a segurança nas relações com as figuras parentais na adolescência se encontra positivamente associada a qualidades de amizade positivas como suporte, proximidade e

segurança. Cassidy (2008), corroborando estas ideias, veio acrescentar que é a sensibilidade parental que conduz à segurança, sobretudo devido à comunicação das suas representações internas emocionais. Tal facto sugere que a segurança da vinculação está ligada a propriedades de comunicação diádica, quer com os pais, quer com os pares. Da mesma forma, autores como Dwyer et al. (2010) sugerem que a vinculação segura na adolescência está relacionada com relações de amizade caracterizadas por qualidades como confiança, proximidade e mutualidade, encontrando uma correlação positiva entre a força dos laços parentais e envolvimento emocional com os amigos.

Nesta continuidade, é importante referir as conclusões proferidas por Rubin e Fredstrom (2008), que vêm realçar o carácter “atenuante” das relações de proximidade, aquando de pobres experiências relacionais na infância. Os autores destacam que adolescentes com antecedentes de relações de vinculação seguras e com amizades positivas, e adolescentes com vinculação insegura e envolvidos em amizades positivas, manifestam altos níveis de amizade na adolescência, em comparação com adolescentes com relações de vinculação seguras e com amizades menos positivas e adolescentes envolvidos em relações de vinculação insegura e relações de amizade insatisfatórias. Deste modo, percebemos que possuir uma amizade recíproca pautada por qualidades positivas, pode, de facto, atenuar os efeitos da adversidade familiar. Como tal, adolescentes com relações inseguras com os prestadores de cuidados e sem suporte parental, envolvidos em amizades próximas, podem usufruir das suas relações de amizade para compensar a sua relação inadequada com as figuras parentais (Rubin et al., 2004; Aikins, Howes & Hamilton, 2009).

No entanto, para alguns autores é fundamental abordarmos os processos de comunicação numa família, enquanto conjunto de regras implícitas e respeitadas por todos os elementos que constituem uma família – o sistema –, quando tentamos compreender a importância do papel da família na adolescência. Sendo a comunicação uma dimensão fundamental da vinculação, e a matriz de base das interações entre os elementos de um sistema, é necessário identificar o padrão de comunicação numa família se quisermos perceber as interações familiares e o modo como as mesmas se estruturam e influenciam o desenvolvimento familiar e individual (Alarcão, 2006). Também segundo Royo (2003), a comunicação dentro das relações familiares, é fundamental, sendo imprescindível que os próprios pais estimulem a comunicação com os seus filhos desde cedo. Só desse modo, quando os mesmos chegarem à adolescência, altura em que vão explorar o mundo, tirar as suas próprias conclusões e estabelecer os seus critérios e normas de actuação, conseguirão melhor lidar com os fortes sentimentos de insegurança despoletados, em grande parte, por uma personalidade em desenvolvimento. Também para Simões (2007), é de extrema importância a comunicação entre pais e filhos, principalmente aquela que envolva a discussão

sobre comportamentos apropriados e permitidos, tal como comportamentos desajustados e suas consequências. Só assim o jovem poderá estar clarificado das normas e regras, como também será mais fácil interiorizar as atitudes e valores que poderão servir de referência aquando da sua tomada de decisões e que o irão guiar na sua vida presente e futura. Além destes aspectos, o diálogo entre pais e filhos permite, também, a afirmação da individualidade sem recorrer ao uso da violência e a identificação do filho aos pais de uma forma mais clara. E embora possa existir alguma rigidez ou hostilidade por parte do jovem que tanto procura a independência dos seus pais, é importante que os mesmos continuem a transmitir e a partilhar os seus valores e crenças com os seus filhos.

No entanto, e segundo Relvas (1996), a entrada na adolescência significa para os pais, um abrandamento progressivo do controlo que exercem sobre os seus filhos, a par com uma maior flexibilidade das normas familiares face à crescente independência. Nem sempre os pais estão dispostos a ser flexíveis nas suas regras e limites, e isso aumentará o conflito e a falta de diálogo com os seus filhos, que buscam, nesta fase, autonomia, ao aventurar-se para além da matriz familiar. É o advento da maturação sexual, e as novas e mais complexas capacidades cognitivas e físicas, que levam os adolescentes a iniciar um processo que os faz quebrar a dependência infantil e os conduz ao mundo social extrafamiliar. A comunicação pais-filhos será, então, fundamental, para que neste processo não se quebrem os laços familiares e o suporte que os mesmos fornecem ao adolescente. A independência e a autonomia adquiridas pelo adolescente durante este período não deverão, então, acontecer como “forma de ruptura ou isolamento em relação à família mas antes como auto-responsabilização e afirmação” (p.159), contribuindo, em grande parte, para a aquisição da sua identidade que, segundo Erikson (1972, cit. por Relvas, 1996), consistirá na determinação de um papel e de um lugar no mundo.

Assim, é importante ressaltar que não se pode perceber a adolescência sem falar da sociedade e da família, do mesmo modo que também não se pode compreender o que se passa na família sem que se pense sobre o que acontece com o adolescente. Por isso, e de acordo com Relvas (1996), quando um dos elementos de uma família se torna adolescente, é fundamental que um novo equilíbrio entre o individual, o familiar e o social seja estabelecido, não devendo este equilíbrio dizer apenas respeito ao jovem, mas sim a todos os membros da família, que deverá ser encarada enquanto sistema.

2.2. *Delinquência Juvenil*

O termo “delinquência”, enquanto comportamento que envolve a violação das normas sociais, é frequentemente utilizado na literatura sob várias designações, o que origina alguma confusão quando pretendemos estudar o tema. Termos como comportamento desviante ou desvio, perturbação do comportamento, distúrbios de comportamento, distúrbio de personalidade anti-social ou comportamento anti-social, são muitas vezes utilizados de modo indiferenciado na literatura. No entanto, a aplicação destes conceitos prende-se meramente com a perspectiva teórica que está subjacente à explicação do fenómeno (Fonseca, 2000). Todavia, e embora todos eles tenham em comum o facto de estarem relacionados com a transgressão das normas sociais vigentes, é importante fazermos alguma distinção, de modo a obtermos uma definição clara do conceito de delinquência, sobre o qual se centra o presente estudo.

De acordo com Simões (2007), os termos perturbação do comportamento, distúrbios de comportamento ou distúrbio de personalidade anti-social, são normalmente utilizados enquanto classificações de problemas de saúde mental, referentes a comportamentos persistentes e graves de violação das normas sociais. Já os termos comportamento desviante ou desvio e comportamento anti-social, enquadram-se numa perspectiva sociológica. Por último, o termo delinquência constitui um termo de ordem jurídica. Segundo Coimbra de Matos (2002), numa perspectiva mais psicodinâmica, o “delinquente” é aquele que transgride a lei e o “anti-social” é aquele que apenas rejeita a sociedade, podendo não ser sempre delinquente, e limitando-se, por vezes a isolar-se. O mesmo autor refere que os comportamentos delinquentes, normalmente, não significam uma alteração psíquica (doença ou anomalia mental), mas quando o indicam, ou seja, quando é a própria perturbação psíquica que condiciona o comportamento delinquente, então é provável que exista um quadro de psicopatia ou de desequilíbrio mental.

Também Bordin e Offord (2000) designam a delinquência como o acto de transgressão da lei. Diferenciam-na do conceito de anti-social, já que um jovem com comportamentos anti-sociais não é necessariamente um jovem com comportamentos delinquentes, sendo os actos anti-sociais mais abrangentes e condenados pela sociedade, com ou sem transgressão da lei. Já o conceito de delinquência, segundo Alarcão (2006), enquanto conjunto de transgressões às leis vigentes, num espaço e tempo específicos, nem sempre é punido socialmente, embora o seja legalmente. Assim, os comportamentos delinquentes poderão ser mais ou menos socialmente toleráveis consoante os valores que a sociedade partilha naquele momento (e.g. o aborto). Também para Formiga e Gouveia (2003, cit. por Formiga e Gouveia, 2005) a conduta delinquente, pode causar danos graves, sejam eles morais ou físicos. São comportamentos mais graves, merecedores de punição, já que representam uma ameaça eminente à ordem social

vigente. Porém, o que ambas as condutas têm em comum é o facto de interferirem nos direitos e deveres das outras pessoas, ameaçando o bem-estar das mesmas. À partida, qualquer jovem tende a praticar algum tipo de comportamento anti-social, já que se constitui como um desafio aos padrões tradicionais da sociedade. Porém, quando existe uma inconsistência nas normas proferidas pelos pais, a par com uma falta de responsividade e exigência parental, há uma grande probabilidade desses comportamentos anti-sociais se converterem em comportamentos delinquentes. No entanto, e de acordo com Alarcão (2006), a avaliação por parte da sociedade não é neutra. Existe claramente uma maior probabilidade de que os adolescentes provenientes de meios sócio-económicos mais desfavorecidos, que habitem na periferia das cidades ou em bairros onde predominam sub-culturas, que tenham baixa escolaridade ou que estejam em situação de absentismo escolar, apresentem mais facilmente comportamentos delinquentes. E embora jovens pertencentes a classes sócio-económicas mais favorecidas, socialmente bem integradas e com um nível cultural elevado, possam apresentar comportamentos idênticos, a avaliação por parte da sociedade não é tão rígida nem preconceituosa. Também Sprinthall e Collins (2008) referem que a existência ou não da delinquência depende, em larga escala, da classe social e económica do adolescente. Ou seja, o mesmo tipo de comportamento é frequentemente avaliado de maneira diferente, de acordo com a classe social a que o jovem pertence. Como tal, um dos grandes factores subjacentes aos problemas de definição do conceito, está associado à questão da subjectividade implícita pela classe social.

Relativamente ao comportamento desviante, e segundo Carvalho (1990), o mesmo pode ser entendido como qualquer comportamento que implique não só a transgressão das normas, como também das expectativas de um grupo ou de uma comunidade. É, então, um conceito que está associado a valores, normas, princípios éticos ou legais vigentes na sociedade e contexto em que o indivíduo está inserido. Deste modo, o desvio não advém da qualidade do acto praticado, mas sim do facto de violar as normas estabelecidas. Todavia, e para Fonseca (2000), é a designação de comportamento anti-social que abrange praticamente todos os conceitos referidos anteriormente, contemplando comportamentos como oposição e mentira, até crimes graves previstos no código penal. É, desta forma, uma das designações mais frequentemente utilizadas quando se pretende caracterizar comportamentos que transgrediram as normas sociais.

Segundo Gottfredson e Hirschi (1990, cit. por Fonseca & Simões, 2002) o crime é algo fácil de cometer, já que pode ser fonte de excitação para o seu praticante, do mesmo modo que requer poucas aptidões verbais ou cognitivas. No entanto, e para os mesmos autores, o delinquente é alguém com um baixo autocontrolo, caracterizado sobretudo pela impulsividade, falta de empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros, centração sobre si mesmo, maior disposição para agir do que para verbalizar, e exagerado prazer pelo risco. Bordin e Offord (2000)

corroboram, de algum modo, estas mesmas características referentes a indivíduos com comportamentos delinquentes. Salientam que, sendo alguém com tendência permanente para apresentar comportamentos que incomodam e perturbam, e frequente envolvimento em actividades perigosas e ilegais, normalmente não aparentam sofrimento psíquico ou constrangimento com as suas próprias atitudes. Não se importam com os sentimentos dos outros ou mesmo com a violação dos seus direitos, ao mesmo tempo que não parece existir uma grande capacidade para aprender com as consequências negativas do seu comportamento.

Todavia, não significa isto que todos os indivíduos com baixo autocontrolo são ou tendem a ser delinquentes, até porque, e como dito anteriormente, o baixo autocontrolo não deve ser considerado de forma isolada, mas sim conjuntamente com as oportunidades para transgredir. Porém, num indivíduo com um bom autocontrolo, pouca ou nenhuma influência seria exercida por uma boa oportunidade para a prática do crime. Logo, a oportunidade não pode, por si só, ser a causa, tal como o autocontrolo do indivíduo também não (Gottfredson & Hirschi, 1990, cit. por Fonseca & Simões, 2002). Os mesmos autores abordam, ainda, uma causa transgeracional, em que referem que pais com baixo autocontrolo, tendem a transmitir essa característica aos seus filhos que, com a entrada na adolescência, acabam por se associar a colegas com comportamentos idênticos. Assim, “não seriam os grupos de delinquentes que aumentariam a probabilidade de os indivíduos se envolverem em actividades criminais: eles apenas atrairiam os que, em virtude do seu baixo autocontrolo, maior propensão teriam para o crime” (Gottfredson & Hirschi, 1990, cit. por Fonseca & Simões, 2002, p. 249). Além do mais, e é aqui que entra a importância do papel desempenhado pelos pais, as crianças tendem, por natureza, a comportar-se de forma egoísta ou impulsiva, e cabe aos pais ensiná-las a autocontrolar-se, ou seja, a ensiná-las a perceber que em prol de objectivos a longo prazo, tem que se resistir a tentações momentâneas, por mais apetecíveis que se apresentem. É também importante que os pais supervisionem os filhos, chamando-os a atenção para o seu comportamento impulsivo ou irreflectido, ao mesmo tempo que devem punir as transgressões e demonstrar qual o comportamento mais correcto e adequado. Com isto, a criança desde cedo começará a prever as consequências dos seus actos e a reprimir a tendência para satisfazer os seus próprios impulsos no momento, muitas das vezes à custa dos outros.

Fonseca e Simões (2002), apesar de concordarem com muitos dos pressupostos destacados por esta teoria, não puderam deixar de referir algumas críticas, nomeadamente o facto da mesma se centrar quase exclusivamente no indivíduo, minimizando a influência do meio externo, e o facto de não demonstrar qualquer interesse pelas variáveis biológicas ou pelo efeito de diversos acontecimentos de vida.

Para Bordin e Offord (2000) é de extrema importância uma abordagem familiar quando se trata de delinquência juvenil. Muitas das vezes, o foco do problema advém da relação conflituosa dos adolescentes com os pais e, também eles, precisam de ajuda ou apoio, quer seja para se descentrarem de si, quer seja para melhor perceber quais os métodos mais adequados para educar os seus filhos. Le Blanc e Janosz (2002) corroboram estes dados e referem que a abordagem sistémica é fundamental na intervenção junto de jovens delinquentes, na medida em que evidencia a importância da interacção entre os factores familiares para o surgimento do comportamento delinvente, orientando sobre a forma de intervir junto dessa mesma família. E embora o comportamento delinvente possa estar presente somente no jovem, é importante avaliar todas as fragilidades do sistema familiar, ressaltando as suas potencialidades e, assim, intervir sobre componentes particulares, mas sempre tendo em conta a manutenção do equilíbrio de todo o sistema. Já como Alarcão (2006) refere, é importante analisar o comportamento do indivíduo no contexto em que o mesmo ocorre, pois a vida numa família é mais do que a mera soma das vidas individuais de cada um dos seus membros. Aliás, o comportamento de cada um deles é indissociável do comportamento de todos os outros, e aquilo que acontece a um dos indivíduos de uma família, irá afectar a família no seu conjunto. Como tal, é importante observar a interacção entre os membros de uma família e equacionar o seu desenvolvimento como sistema total, não esquecendo, todavia, que existem indivíduos dentro dessa mesma família.

2.2.1. Delinquência juvenil e família

A crença de que os comportamentos delinquentes na adolescência se desenvolvem a partir de uma influência negativa da família, não é recente. Vários estudos desenvolvidos ao longo dos anos têm constatado tal facto, centrando-se em aspectos centrais do panorama familiar, como sejam determinadas características dos pais, conflitos no seio familiar, fraco relacionamento com as figuras parentais, falta de supervisão e controlo das actividades dos filhos, fracos recursos socioeconómicos, contexto onde residem, existência de modelos anti-sociais em casa, etc., e relacionando-os entre si. Segundo Fonseca (2002), estes estudos têm sido extremamente benéficos, já que estudos anteriores se centravam apenas em variáveis isoladas e, em consequência, criavam uma ideia algo errada acerca da forma como a família influencia os comportamentos delinquentes dos seus descendentes. Já os estudos mais recentes incluem uma interacção de factores, internos e externos ao indivíduo, na explicação do comportamento delinvente.

Le Blanc e Janosz (2002) partilham destas mesmas ideias, e ressaltam a importância duma abordagem sistémica da família, justificando que a mesma deve ser encarada como “um conjunto

de pessoas em interacção ou um conjunto de características interdependentes próprias do ambiente em que se vive” (p.38), não se devendo, por isso, ter em consideração apenas determinados factores familiares, mas sim um número elevado dos mesmos, e em interacção entre si. Todavia, os mesmos autores não negam que existam inúmeras características familiares que, quando consideradas isoladamente, estão fortemente associadas aos comportamentos delinquentes na adolescência. Porém, o paradigma sistémico permite ter em conta um número cada vez mais elevado de factores familiares em interacção entre si.

Segundo Fonseca e Simões (2002), a família é de extrema importância para o estudo do comportamento delincente na adolescência, dando particular relevância a algumas variáveis do panorama familiar, como sejam as pertencentes a aspectos estruturais, como a aspectos do funcionamento. Relativamente às primeiras, incluem-se factores como o nível socioeconómico, o nível de instrução dos pais, o número de irmãos, a integralidade ou não da família e o contexto onde residem. Relativamente às segundas, incluem-se factores como conflitos interparentais, negligência ou abandono dos filhos por parte dos pais, ou existência de pessoas no seio familiar que favorecem a aprendizagem de comportamentos delinquentes. Na perspectiva da teoria de Gottfredson e Hirschi (1990, cit. por Fonseca e Simões, 2002), já referida anteriormente, qualquer um destes aspectos, por si só, não pode ser considerado como a causa do comportamento delincente, já que há uma interacção de factores. O efeito das variáveis pertencentes à categoria dos aspectos estruturais, na maioria das vezes, é exercido, de forma indirecta, através do impacto que detém sobre o funcionamento da família. Os autores consideram que famílias propiciadoras de comportamentos delinquentes nos seus descendentes, tendem a ser famílias onde existem escassas ou mesmo nulas competências educativas por parte dos pais, onde se inclui a fraca/nula supervisão dos seus filhos, a fraca/nula capacidade para disciplinar, a fraca/nula capacidade de respeito mútuo, e a fraca/nula capacidade para proteger os seus filhos contra comportamentos delinquentes.

Porém, e de acordo com diversos autores, quando se pensa na influência do papel desempenhado pela família no desenvolvimento de comportamentos delinquentes, é importante perceber se a trajectória de delinquência do jovem é de início precoce ou de início tardio, sendo que é o grupo de início precoce que apresenta riscos mais elevados de uma evolução negativa a longo prazo e de praticar comportamentos delinquentes na idade adulta (Bordin, 1996, cit. por Bordin e Offord, 2000; Patterson & Yoerger, 2002). Também Farrington (2008) corrobora estes dados. De acordo com os resultados de um estudo longitudinal iniciado em 1961, mas por si dirigido desde 1982, verificou-se que os rapazes condenados em idades precoces tendem a ser delinquentes mais persistentes, cometendo um número mais elevado de delitos graves, com uma frequência mais elevada e durante longos períodos de tempo. O autor veio a destacar, ainda, que

os comportamentos delinquentes que levam a condenações são normalmente desenvolvidos em parceria, a qual começa a diminuir com o aumento da idade, em que por volta dos 20 anos os jovens tendem a cometer crimes onde agem sozinhos. Os comportamentos delinquentes levados a cabo com irmãos são mais prováveis quando existem irmãos com idades próximas.

Também para McCord (2002), as famílias têm realmente um contributo no comportamento delincente dos jovens que dela fazem parte, nomeadamente a partir da transmissão genética, dos contextos físicos e socioeconómicos onde estão inseridas, e das práticas educativas. Relativamente à transmissão genética, e segundo o autor, a mesma não influencia directamente, mas sim através de uma certa disposição para o comportamento delincente, que é agravada ou enfraquecida consoante as características geneticamente determinadas. No entanto, as características do meio também influenciarão essa disposição, não se devendo separar, por isso, hereditariedade e meio, pois

Separar hereditariedade e meio é como tentar decidir se é natureza ou o cuidar (nurture) que faz florescer uma orquídea. Embora a cor seja determinada, em grande parte, biologicamente, o colorido de uma orquídea dependerá desta receber ou não quantidades suficientes de sol, calor e água. Se existir abundância de água e calor, mas luz solar variável, a quantidade de claridade contribuirá para a variância total das predições acerca do aparecimento de diferentes cores de orquídeas (p.16).

Assim, o factor hereditário é importante, mas é preciso ter sempre em conta a influência de factores externos ao indivíduo, já que os mesmos desempenharão determinado papel no seu desenvolvimento. McCord (2002) refere, ainda, e com base em diversos estudos, que pais que tenham tido problemas judiciais, apresentam uma probabilidade maior de virem a ter filhos que apresentem comportamentos delinquentes (Farrington, Gundry & West, 1975; McCord, 1977, 1991; Rowe & Farrington, 1997, cit. por McCord, 2002), destacando-se a semelhança dos mesmos. Van IJzendoorn (2002) corrobora estas ideias quando refere que o comportamento delincente não é apenas consequência do contexto onde a criança está inserida, ou da educação que lhe foi fornecida pelos pais, ou mesmo de um período conturbado na fase da adolescência, mas também de características geneticamente determinadas. O autor dá o exemplo do estudo de Rutter (1996, cit. por Van IJzendoorn, 2002) com gémeos monozigóticos, que demonstra, a partir de correlações estatisticamente significativas, influências genéticas bastante fortes. No entanto, e apesar da parte genética poder estar patente, se o jovem estiver inserido num contexto físico e socioeconómico que não potencie o desenvolvimento de comportamentos delinquentes, como sejam zonas mais pobres onde o desemprego, a precariedade e a falta de qualificações são visíveis, então é muito provável que não venha a apresentar um comportamento delincente. Isto porque McCord (2002) considera que o contexto (físico e socioeconómico) em que a criança está

inserida, influencia nitidamente o seu desenvolvimento, sendo o jovem delinquente, frequentemente, membro de uma classe social mais baixa e que reprovou ou desistiu da escola. Foi alguém que experimentou a falta de oportunidades socialmente aceitáveis, e encontrou a via da solução para a sua frustração na procura de meios alternativos que lhe proporcionem o sucesso, designadamente actividades ilegais.

Relativamente às práticas educativas, e ainda sob a perspectiva de McCord (2002), os pais ou os prestadores de cuidados da criança, podem inculcar comportamentos delinquentes na mesma mediante a transmissão de valores através das suas próprias acções e daquilo que aprovam, do desenvolvimento ou não de vínculos com os membros da família e da comunidade, e do estabelecimento da legitimidade através dos métodos adoptados para impor os seus desejos aos filhos. Assim, é importante que os pais atendam aos seus próprios comportamentos, já que as crianças aprendem a valorizar a agressão quando expostas a comportamentos violentos e quando encorajadas a lutar e a executar actos interesseiros (Bandura & Walters, 1959; McCord, 1991, cit. por McCord, 2002). É também importante que expliquem as consequências do comportamento aos seus filhos, evitando recorrer a justificações neutras, a castigos físicos ou a uma disciplina severa, já que aumentam a probabilidade dos mesmos virem a exercer o uso da força como algo legítimo. Além do mais, é importante o estabelecimento de vínculos positivos entre os membros da família, pois quando não há ligações estreitas com os pais ou predomina a negligência por parte dos mesmos, o mais provável será as crianças desenvolverem, na adolescência, comportamentos delinquentes (McCord, 1986, 1996, cit. por McCord, 2002).

Todavia, há sempre que ter em conta que o período da adolescência é também um período de experimentação, no qual é normal que os próprios adolescentes, ao experimentarem, descubram até onde podem e não podem ir, dentro daquilo que é considerado normal pela sociedade. E é neste ponto fundamental que entra o papel dos pais que, sendo os primeiros agentes de socialização dos seus filhos, cabe-lhes a função de estabelecer limites, de acordo com aquilo que é socialmente normativo, através de regras claras, neutras e justas. É devido a estes aspectos, e segundo Gouveia-Pereira (2009), que tantas vezes surge a questão, em estudos direccionados para os comportamentos delinquentes na adolescência, do que é normal dentro do desvio e do que é considerado delinquente. Também para Bordin e Offord (2000) se coloca esta questão, salientando que existem determinados comportamentos que podem ser indicadores de futuros comportamentos delinquentes, como mentir e faltar às aulas, do mesmo modo que podem decorrer no normal desenvolvimento de uma criança ou adolescente, não indicando por isso, que a criança ou jovem virá a entrar no caminho da delinquência. No entanto, os autores referem, ainda, que é muito importante verificar se esses comportamentos ocorrem

esporadicamente ou de forma isolada ou, pelo contrário, se são repetitivos e frequentes, constituindo-se como um desvio do padrão de comportamentos considerados normais.

Além do mais, há também que ter presente que nem sempre a responsabilidade do comportamento delinvente do jovem deriva de deficiências do funcionamento do sistema familiar, já que há jovens delinquentes que vivem em famílias convencionais, do mesmo modo que há jovens que vivem em famílias disfuncionais e não desenvolvem este tipo de comportamentos. Portanto, é fundamental atentar a todos os outros sistemas de regulação nos quais a família evolui (Le Blanc e Janosz, 2002), sendo de extrema importância, e como já referido, ter em conta o grupo de pares de pares na adolescência. Será sobre esse tema que nos debruçaremos no ponto seguinte.

2.2.2. Delinquência juvenil e grupo de pares

Segundo Erikson (1968, 1982, cit. por Simões, 2007), é na adolescência que os jovens devem estabelecer um sentido de identidade pessoal, sendo que é nesta fase da vida que ocorrem alterações a nível emocional que acarretam mudanças na forma como o adolescente se vê a si próprio, e na sua capacidade de funcionar independentemente. É, então, por esta altura que surge a crise de identidade, que corresponde, ao mesmo tempo, à construção de identidade. Porém, para o mesmo autor, a identidade não surgirá enquanto consequência espontânea da maturação. Antes pelo contrário, deverá ser procurada e estabelecida através de um esforço pessoal, sendo imprescindível a interacção com os outros significativos, assumindo especial importância o grupo de pares para a consumação deste processo. Será nas relações estabelecidas com os outros, que o adolescente experimentará papéis e receberá feedback pelo seu desempenho. Também para Gouveia-Pereira (1998), será com o grupo de pares, que passa a representar para o adolescente uma referência de extrema importância, que o mesmo vai desenvolver a sua autonomia, sem o controlo dos pais, de quem se vai distanciando. Assim, o grupo de pares passa a ser encarado como um espaço onde o adolescente pode descobrir novos valores e experimentar/vivenciar novas situações e papéis.

Também segundo Alarcão (2006), com a entrada no grupo de pares, os pais passam a ser figuras de vinculação na reserva, ou seja, passarão a ser recursos disponíveis apenas aquando do confronto com situações adversas. E embora este aspecto não retire a importância aos pais, obviamente que acarreta modificações no que concerne à qualidade da relação com os mesmos. Gradualmente, vai-se criando-se uma nova dependência por parte do adolescente, que substituirá a dependência dos pais. Todavia, é também fundamental que exista uma quebra nesta nova dependência, já que só assim o jovem se encontrará a si próprio e atingirá uma identidade

madura. Será a aquisição desta identidade pessoal que permitirá ao jovem adulto ser alguém autónomo e com iniciativa e confiança nas suas decisões. No entanto, nem sempre isto acontece, e a não resolução deste desafio, ou uma má resolução do mesmo, pode desencadear a construção de uma identidade difusa e incoerente ou uma falsa percepção do adolescente de si mesmo, que muitas das vezes está na base de problemas ao nível do comportamento (Erikson, 1968, 1982, cit. por Simões, 2007).

De acordo com Sprinthall e Collins (2008), são estes problemas ao nível do comportamento, como sejam comportamentos negativos ou desviantes, que normalmente conduzem a situações de rejeição entre os pares, embora a aceitação social envolva frequentemente a atracção física e variados padrões de comportamento que indiquem amizade, sociabilidade e competência. No entanto, o facto de o adolescente ser aceite, não significa que o mesmo seja “popular” perante os seus colegas, já que a popularidade refere-se ao grau em que alguém é activamente procurado pelos outros. Já a aceitação está relacionada com o facto de alguém possuir características que são consistentes com as dos membros de determinado grupo, fazendo assim parte dele. Todavia, em qualquer grupo há determinadas regras para a obtenção de um estatuto no seu seio, o que exige determinados comportamentos por parte dos seus membros, para que possam continuar a pertencer ao mesmo. Como tal, e constituindo-se então o grupo de pares como um espaço relacional de extrema importância, onde o jovem pode encontrar suporte, confiança e autonomia, o mesmo tenderá a associar-se a pares com atitudes e comportamentos com os quais se identifica (Simões, 2007).

Deste modo, o grupo de pares acaba por desempenhar um papel fulcral no desenvolvimento de comportamentos delinquentes, na medida em que um adolescente com comportamentos problemáticos, tenderá a associar-se a colegas, também eles com comportamentos problemáticos. Assim, a associação e pertença a um grupo de pares que possibilita, aceita e compactua com comportamentos desviantes, acaba por gerar uma fonte de influência de comportamentos desviantes aos seus membros (Simões, 2007). O grupo fornecerá não só um modelo, como também a preparação para comportamentos delinquentes (Patterson & Yoerger, 2002). Também Battin-Pearson, Thornberry, Hawkins e Krohn (1998, cit. por Simões, 2007), corroboram estas ideias, referindo que a pertença a grupos que praticam actos delinquentes constitui um forte preditor do comportamento delinvente. Os mesmos autores referem que a agressividade por parte de alguns jovens, leva a que sejam frequentemente rejeitados pelos pares pró-sociais e posteriormente se associem a pares desviantes, normalmente designados como *gangs*. A pertença enquanto membro a este mesmo grupo, aumenta a probabilidade de envolvimento em comportamentos delinquentes, quando comparado com o facto de ter apenas amigos delinquentes, embora ter amigos delinquentes leve, muitas vezes, ao envolvimento com *gangs*,

especialmente no início da adolescência. Todavia, e segundo Simões (2007), a entrada para estes grupos é maioritariamente assegurada para jovens que já apresentam problemas ao nível do comportamento, constituindo-se este envolvimento como uma etapa de especialização e/ou agravamento do comportamento problemático. Também Vitaro, Boivini e Bukowsky (2009) concordam com estes pressupostos, acrescentando ainda que o envolvimento com amigos desviantes com problemas de ajustamento e amizades pautadas por conflitos e características negativas, predizem o crescimento de comportamento anti-social e desviante durante a adolescência.

Deste modo, e segundo Alarcão (2006), a influência do grupo de pares não pode ser desprezada na compreensão do desenvolvimento de comportamentos delinquentes. A passagem ao acto está estritamente ligada a este sub-sistema que é o grupo de pares e, como tal, as interacções decorrentes no seu seio deverão ser tidas em conta para que melhor possamos compreender o fenómeno da delinquência na adolescência.

2.3. Vinculação e delinquência juvenil

Quando se procura compreender quais os factores que estão relacionados com o desenvolvimento de comportamentos delinquentes na adolescência, as relações familiares surgem na linha da frente da maioria dos estudos dirigidos à temática, apresentando-se como um dos factores potencialmente mais significativos. Todavia, e embora exista alguma literatura sobre vinculação e adolescência, a mesma é escassa quando se trata de vinculação e comportamentos delinquentes na adolescência.

Os estudos realizados têm evidenciado sobretudo a influência da qualidade da vinculação precoce, enquanto um dos aspectos das relações familiares, no desenvolvimento de problemas de comportamento. No entanto, os resultados não são convergentes. Para alguns autores (Le Blanc e Janosz, 2002), é somente na primeira fase da adolescência que a mesma tem um impacto directo sobre a delinquência, sendo que mais tarde é a supervisão parental que mantém essa influência, enquanto para outros (Selditz, 1990, cit. por Le Blanc e Janosz, 2002), é no pico da adolescência, por volta dos 15 anos, que a vinculação aos pais exerce maior influência. Van IJzendoorn (2002) também aborda a questão da vinculação aos pais associada à delinquência juvenil, considerando que os problemas de vinculação e as relações de vinculação disruptivas podem estar na origem do comportamento delinvente na infância, na adolescência e na idade adulta. No entanto, o comportamento delinvente não deve ser reduzido a problemas de vinculação na infância, já que factores como o contexto social, factores genéticos, e factores relacionados com a idade, também

exercem grande influência. Portanto, não deve a vinculação servir como uma explicação exaustiva para um fenômeno que se apresenta com uma enorme complexidade. Todavia, o mesmo autor refere ainda que uma criança com uma vinculação insegura à mãe ou à pessoa prestadora de cuidados, tende a ter menos sentimentos de empatia e a interiorizar normas parentais do que crianças com uma relação de vinculação segura. São os pais responsáveis e que reagem no momento e de forma adequada à angústia e ansiedade dos seus filhos, que estão a estimular uma ligação segura, ao mesmo tempo que estão a modelar o uso e a necessidade da empatia nas relações com os outros, numa relação de satisfação recíproca. As crianças que apresentam uma relação de vinculação insegura em relação aos pais são crianças que, à partida, experienciaram a rejeição e a intrusão por parte dos mesmos, o que as leva a suprimir os seus sentimentos de ansiedade em situações de stress, já que é uma forma de prevenir uma maior rejeição por parte dos pais. Mais tarde, na adolescência, o seu comportamento delinvente pode ser como que uma reprodução do comportamento dos seus pais, ao qual estiveram expostas durante bastante tempo. O autor considera, ainda, que a falta de interiorização moral por parte da criança ou jovem, e a falta de confiança em si e nos outros, pode desencadear comportamentos delinquentes quando não existe uma rede de relações de vinculação segura que compense a ausência de experiências de vinculação na infância gratificantes (Van Ijzendoorn, 2002).

Nesta continuidade, Born (2005) vem referir que uma vinculação deficiente, seja ela de que tipo for, pode dever-se quer a uma separação prolongada da mãe quer a uma incapacidade por parte da mesma em desempenhar um papel tranquilizador, podendo falar-se de uma carência relacional. Nestes casos, as repercussões ao nível do desenvolvimento da criança são graves, podendo mesmo distinguir-se ao nível de comportamentos delinquentes, mas também de uma larga gama de aspectos do desenvolvimento psicossocial na adolescência. Porém, e segundo Machado (2004), uma vinculação insegura não poderá prever posteriores problemas ao nível do comportamento, do mesmo modo que uma vinculação segura, por si só, não poderá garantir que tais manifestações não ocorram. Além disso, a qualidade da vinculação poderá modificar-se ao longo do desenvolvimento, estando dependente de acontecimentos de vida (positivos e negativos), que interferirão nos cuidados prestados. Acontecimentos como rejeições, separações, perdas, desemprego, ou por outro lado, os pais arranjam um emprego ou o adolescente encontrar um parceiro que dá apoio, ou iniciar terapia, etc., são variáveis que podem interferir na qualidade da relação pais-filhos e, conseqüentemente, na vinculação (Van Ijzendoorn, 2002). O estudo levado a cabo por Dozier e colaboradores (2001, cit. por Machado, 2004), vem corroborar estes dados, demonstrando que bebés com experiências precoces de relações disfuncionais, quando colocados, no decurso do primeiro ano, com adultos adotivos avaliados como “seguros”

(em termos vinculativos), conseguem reorganizar as suas estratégias relacionais, passando a desenvolver vinculações seguras com as novas figuras vinculativas.

O certo é que, e embora os resultados dos vários estudos realizados ao longo dos anos não sejam convergentes no sentido de uma relação causal directa entre as perturbações ao nível da vinculação e os comportamentos delinquentes, existem realmente análises clínicas e observações realizadas em crianças carenciadas que põem em evidência uma incapacidade de vinculação na criança que apresenta frequentemente uma incapacidade de se ligar aos outros numa relação durável. E é esta mesma dificuldade relacional que se encontra regularmente associada à delinquência grave nos adultos.

Para Hirschi (1983, cit. por Le Blanc e Janosz, 2002), embora a vinculação seja um factor de extrema importância na relação pais-filhos, existem três noções fundamentais para que se compreenda o funcionamento da regulação familiar, designadamente o envolvimento do adolescente nas actividades convencionais dos pais, a sua crença na legitimidade das regras ditadas pelos mesmos e o nível de controlo directo (supervisão e disciplina) que os pais exercem sobre si. Deste modo, o adolescente que se envolve em actividades comuns com os pais, melhor comunicará com os mesmos e, conseqüentemente, mais facilmente desenvolverá uma identificação afectiva e sentir-se-á aceite. Em última instância, a facilidade com que o adolescente aceitará as coerções, as atitudes, e os valores parentais, tal como o controlo directo, a supervisão e as punições, será maior, já que interiorizou que as regras impostas pelos pais (coerção interna) são legítimas e que a supervisão e punições aplicadas pelos pais (coerção externa) são adequadas. Assim, todos estes aspectos serão factores protectores em relação à prática de actos delinquentes por parte do adolescente. Deste modo, a existência de uma grande ligação afectiva entre pais e filhos desde a infância, embora fundamental, não actua de forma directa sobre o desenvolvimento do comportamento delincente. A vinculação funciona apenas como a base a partir da qual se vai proporcionar a supervisão, o controlo e a educação dos filhos (Gottfredson e Hirschi, 1990, cit. por Fonseca e Simões, 2002).

Também para Claes e Lacourse (2001), que analisam as relações entre práticas parentais (e.g. supervisão, tolerância) e delinquência juvenil (e.g. roubo, vandalismo, violência), a supervisão parental é o factor protector mais preponderante para a delinquência. No entanto, a presença de conflitos do adolescente com a mãe, é um contributo de grande importância para o início do envolvimento em comportamentos delinquentes por parte do adolescente, relacionando-se com o afastamento do mesmo do meio familiar. Porém, Sampson e Laub (1993, cit. por Fonseca e Simões, 2002), vêm reforçar a ideia de que o funcionamento da família, onde se inclui a negligência parental e os problemas ao nível da vinculação pais-filhos, é um dos melhores preditores da delinquência juvenil. Também Fonseca e Simões (2002) partilham destas ideias,

deixando-a como uma das críticas à teoria de Gottfredson e Hirschi, onde referem que esta posição dos autores está em desacordo com os resultados de vários estudos de psicologia do desenvolvimento, onde está claramente evidenciado que a falta de vinculação e de apoio por parte dos pais pode desencadear um maior envolvimento dos adolescentes em comportamentos delinquentes. Também Le Blanc e Janosz (2002) abordam alguns factores protectores contra a actividade delinvente na adolescência, entre eles a harmoniosidade da relação conjugal, já que permite um forte investimento na vida familiar, assim como na vinculação pais-filhos. Também a presença de modelos parentais convencionais, em oposição a modelos parentais desviantes, é um ponto fundamental na protecção contra este tipo de comportamento por parte do adolescente, na medida em que favorecerá a qualidade dos laços conjugais, a vinculação pais-filhos, e a receptividade dos filhos face às coerções impostas pelos pais. Deste modo, o investimento na vida familiar por ambas as partes (pais e filhos) é um aspecto de extrema importância a ser considerado, sendo fundamental que os pais dediquem tempo aos seus filhos, que os filhos participem nas tarefas e actividades familiares e, ainda, que os filhos dediquem parte do seu tempo a outros membros da sua fratria, caso existam. Assim, e com um elevado padrão de comunicação entre todos, mais facilmente se construirá uma forte vinculação aos pais, que se constituirá enquanto escudo contra a conduta delinvente. Deste modo, e devido a esta fluência de comunicação entre os membros da família, o adolescente interioriza quais as expectativas dos seus pais em relação a si e fica mais receptivo às coerções impostas pelos mesmos, tomando-as como legítimas e suportando a supervisão parental como algo aceitável.

Podemos assim concluir, e tendo em conta as diversas investigações já abordadas, que consoante o tipo de organização da vinculação, a mesma poderá funcionar como um factor de risco ou de protecção para o desenvolvimento de comportamentos delinquentes na adolescência. Deste modo, e tal como sugere Machado (2004), a análise da vinculação deverá ser enquadrada no contexto global da vida do sujeito, já que a vinculação não apresenta uma relação de causa-efeito na delinquência. Diversas variáveis com as quais se conjuga, exercem a sua influência, como seja o meio sócio-económico da família, o grupo de amigos, a escola, o temperamento do sujeito em bebé (já que influenciará os cuidados prestados), depressão ou alcoolismo da mãe, etc. Por outro lado, a construção de uma vinculação segura com uma figura significativa, mesmo em crianças inseridas em meios sócio-económicos e familiares adversos, pode funcionar verdadeiramente como um factor protector no envolvimento em comportamentos delinquentes. Mesmo nas relações com os pares, são as crianças com vinculações seguras que muito mais facilmente estabelecem interacções amigáveis e se envolvem menos em conflitos e, quando os mesmos ocorrem, encontram estratégias para os resolver. Em contrapartida, as crianças com vinculações inseguras tendem a estabelecer relações disfuncionais com os seus pares.

3. Objectivo e Hipóteses

Tendo como pressuposto o contributo da vinculação a figuras significativas no desenvolvimento de comportamentos delinquentes na adolescência, estabeleceu-se, no presente estudo, o seguinte objectivo: compreender de que modo a qualidade das relações afectivas de adolescentes sinalizados com comportamentos delinquentes face a figuras significativas (figuras parentais e grupo de pares), ao nível das dimensões da comunicação, confiança e alienação, influencia a manifestação dos comportamentos delinquentes dos mesmos. Definiram-se como variáveis independentes a comunicação, a confiança e a alienação, enquanto dimensões da vinculação, e como variável dependente os comportamentos delinquentes. Deste modo e, atendendo à literatura existente acerca da temática, estabeleceram-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – A vinculação está correlacionada de forma negativa com a ocorrência de comportamentos delinquentes, ou seja, quanto menor a vinculação maior a ocorrência de comportamentos delinquentes.

Hipótese 2 – Os padrões de Vinculação ao nível da Comunicação e Confiança relativamente às figuras parentais e grupo de pares estão correlacionados de forma negativa com a ocorrência de comportamentos delinquentes.

Hipótese 3 – Os padrões de Vinculação ao nível da Alienação relativamente às figuras parentais e grupo de pares estão correlacionados de forma positiva com a ocorrência de comportamentos delinquentes.

Hipótese 4 – São os padrões de Vinculação ao nível da Comunicação relativamente às figuras parentais e grupo de pares que se apresentam com maior valor preditivo sobre a ocorrência de comportamentos delinquentes.

4. Metodologia

4.1. Participantes

O presente estudo, de cariz correlacional, contou com a participação de 125 adolescentes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos de idade ($M= 16,06$; $DP= 1,36$). A amostra foi seleccionada a partir do contacto prévio com algumas entidades que trabalham em bairros sociais, junto de jovens considerados em risco. São estas entidades, projectos comunitários que estão ao abrigo do Programa Escolhas – programa de âmbito nacional, que visa promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, em particular descendentes de imigrantes e minorias étnicas, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social (Programa Escolhas, 2011). A selecção destas mesmas entidades foi realizada por razões de conveniência, uma vez que se pretendia que todos os jovens manifestassem comportamentos delinquentes de maior ou menor intensidade. De notar que 66 dos jovens (52,8%) estão inseridos em turmas PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), da responsabilidade do PIEC (Programa para a Inclusão e Cidadania). O PIEF é uma medida que se destina a jovens com idade igual ou superior a 15 anos, que se encontrem em risco de exclusão social. Estas turmas podem ser de Tipo 1 ou de Tipo 2 (conclusão do 6º ano ou 9º ano respectivamente) (PETI, 2003).

Observou-se uma predominância de sujeitos com 16 e 17 anos de idade, como é possível verificar-se no Quadro 1, onde se apresenta a distribuição da amostra por idade (Vide Anexo F).

Quadro 1 – Distribuição da Amostra por Idade

Idade	%
13	8,0
14	4,8
15	15,2
16	28,8
17	31,2
18	12,0
Total	100%

Relativamente aos dados sócio-demográficos dos sujeitos da amostra (Vide Anexo F), a observação do Quadro 2 permite-nos verificar que grande parte dos sujeitos é de origem caucasiana (65,6%) e de nacionalidade portuguesa (84%). A grande maioria frequenta a escola (94,4%), sendo que os cursos de equivalência, designadamente as turmas PIEF, são os mais frequentados pelos jovens constituintes da amostra, nomeadamente o curso de equivalência ao 6º ano (24,8%) e o curso de equivalência ao 9º ano (28%). Os restantes jovens (5,6%) não frequentam a escola nem estão empregados. Uma percentagem significativa dos jovens já reprovou durante o seu percurso escolar (87,2%), sendo que 36,8% já reprovou mais de 4 vezes. Por fim, também de frisar que 48% dos jovens da amostra tem apenas o 1º ciclo completo.

Quadro 2 – Características Sócio-Demográficas da Amostra

Variáveis	%
Etnia	
Caucasiana	65,6
Africana	16,0
Cigana	13,6
Outra	4,8
Total	100%
Nacionalidade	
Portuguesa	84,0
Brasileira	4,0
Angolana	1,6
Guineense	3,2
Cabo Verde	3,2
Romena	2,4
Indiana	1,6
Total	100%
Ano que frequenta	
4º ano	1,6
5º ano	4,0
6º ano	13,6
6º ano PIEF	24,0
7º ano	1,6
8º ano	3,2
9º ano	3,2
9º ano PIEF	28,0
10º ano	4,8
11º ano	4,0
12º ano	5,6
Total	94,4%
Nº reprovações	
0	12,8
1	8,0
2	16,8
3	25,6
4 ou mais	36,8
Total	100%

Habilitações literárias completas	
Nenhum	2,4
1º Ciclo	48,0
2º Ciclo	35,2
3º Ciclo	14,4
Total	100%

Em relação a dados mais relacionados com o contexto social em que os sujeitos da amostra se inserem e aos actos praticados pelos mesmos (Vide Anexo F), podemos verificar através dos dados que constam no Quadro 3, que 76,8% dos jovens residem em bairro social e que 92% gostam do sítio onde residem. As principais causas atribuídas ao facto de gostar do local onde residem, prendem-se principalmente com os amigos (27,2%). No entanto, é de salientar que 16% dos jovens que responderam que gostam do local onde residem, não responderam depois à justificação da sua resposta. Dos jovens que referiram não gostar do local onde residem, 4% respondeu que se deve ao contexto local, a par com 3,2% que não deu qualquer resposta. Relativamente à prática de actividades nos tempos livres, 60% dos jovens referem praticar actividades extra-curriculares, dos quais 52,8% dizem ser ligadas ao desporto. No que concerne a detenções policiais, 45,6% dos jovens admitem ter sido detidos policialmente, a par com 54,4% que referem nunca ter sido detidos. Todavia, utilizo a palavra “admitem”, na medida em que muitos jovens, aquando do preenchimento desta resposta (assim como na escala da delinquência), referiram que já praticaram actos ilícitos mas que não iriam escrever no questionário com receio que o mesmo fosse visto por terceiros e que, pela sua resposta, pudessem ser identificados. No entanto, dos 57 jovens que referiram já ter sido detidos, as razões da sua detenção prendem-se sobretudo por desacatos à autoridade e vandalismo (13,6%), seguidos de roubo (5,6%) e agressão (5,6%). Porém, é também de referir que 8,8% dos jovens que responderam que já foram detidos, não responderam depois à pergunta que é feita sobre o motivo da detenção.

Quadro 3 – Características Sociais da Amostra

Variáveis	%
Reside em bairro social	
Sim	76,8
Não	23,2
Total	100%
Gosta sítio onde reside	
Sim	92,0
Não	8,0
Total	100%
Porque gosta	
Família	3,2
Amigos	27,2
Família e amigos	4,0
Local crescimento	13,6
Reputação do bairro	8,0
Zona calma/ambiente	20,0
Não respondeu	16,0
Total	92%
Porque não gosta	
Ambiente/contexto local	4,0
Violência	0,8
Não respondeu	3,2
Total	8,0%
Pratica actividade	
Sim	60,0
Não	40,0
Total	100%
Actividade tempos livre	
Desporto	52,8
Outra	7,2
Total	60%
Detido pela polícia	
Sim	45,6
Não	54,4
Total	100%
Porquê de detenção policial	
Roubo	5,6
Posse de droga	4,0
Tráfico de droga	0,8
Posse de arma	1,6
Agressão	5,6
Condução ilegal	2,4
Posse de arma e droga	1,6
Roubo e agressão	1,6
Desacato autoridade/vandalismo	13,6
Não respondeu	8,8
Total	45,6%

No que concerne aos dados familiares da Amostra (Vide Anexo F), através da observação do Quadro 4 podemos assumir que 92% dos jovens têm irmãos, com uma prevalência de 1 (24%) ou 2 irmãos (24%), seguidos de 6 ou mais irmãos (12,8%) (média = 2,98). Relativamente ao lugar na fratria, 42,4% são o irmão do meio. Grande parte reside com ambos os pais (45,6%), seguidos de 37,6% que habitam apenas com a mãe. Estes dados parecem ser algo reveladores para a presente pesquisa. No entanto, já se esperava que isso pudesse ser observado, na medida em que, aquando do preenchimento dos questionários, diversos jovens revelaram que tinham a figura parental detida, chegando mesmo a questionar se seria pertinente continuarem o preenchimento do questionário. Estas constatações vão ao encontro da perspectiva de vários autores, que salientam que a existência de pais condenados ou com problemas judiciais favorecem a aprendizagem de comportamentos delinquentes por parte dos seus descendentes (Fonseca, 2002; Fonseca & Simões, 2002; McCord, 2002; Farrington, 2008). Se pensarmos ainda que diversos questionários (17) foram invalidados devido ao não preenchimento da escala da Vinculação ao Pai por morte da figura paterna, podemos ponderar até que ponto a presença/ausência desta figura pode estar fortemente relacionada com a manifestação dos comportamentos delinquentes. Até porque diversos estudos, como é o exemplo da investigação de Strecht (2003), sugerem que a ausência paterna, enquanto figura que representa simbolicamente a autoridade e os limites, é uma das principais causas do desenvolvimento de comportamentos delinquentes. Isto assume maior importância ainda, se tivermos em conta, e como iremos verificar em seguida, que foi a vinculação ao pai que se apresentou como a variável que está mais correlacionada com a delinquência.

Os dados permitem-nos também observar que a média de idades em relação à mãe é de 41 anos, e é a profissão de doméstica/limpezas que detém a maior percentagem (28%), seguindo-se a de vendedor ambulante (10,4%), a de empregada de balcão (10,4%) e o estado de desempregada (10,4%). 37,6% das mães dos sujeitos da amostra têm apenas o 1º Ciclo. Em relação ao pai, a média de idades é de 44 anos, e a profissão que detém maior percentagem é a de vendedor ambulante (12%), seguindo-se a de construtor civil (11,2%) e o estado de desempregado (11,2%). Também em relação ao pai, uma elevada percentagem (34,4%) tem apenas o 1º Ciclo. No entanto, é de salientar que 11,2% não deu qualquer resposta em relação à profissão da mãe e que 24% não deu qualquer resposta sobre a profissão do pai, o que vem reforçar o anteriormente dito relativamente à ausência do pai.

Quadro 4 – Dados familiares da Amostra

Variáveis	%
Irmãos	
Sim	92,0
Não	8,0
Total	100%
Nº irmãos	
0	8,0
1	24,0
2	24,0
3	11,2
4	11,2
5	8,8
6 ou mais	12,8
Total	100%
Lugar na fratria	
Não tem irmãos	8,0
Mais novo	20,8
Meio	42,4
Mais velho	28,8
Total	100%
Com quem vive	
Pais	45,6
Mãe	37,6
Pai	6,4
Avós	6,4
Outros cuidadores	2,4
Instituição	0,8
Sozinho	0,8
Total	100%
Habilitações mãe	
Nenhum	2,4
1º Ciclo	37,6
2º Ciclo	23,2
3º Ciclo	18,4
Ensino Secundário	11,2
Curso médio-superior	7,2
Total	100%
Habilitações pai	
Nenhum	1,6
1º Ciclo	34,4
2º Ciclo	21,6
3º Ciclo	24,0
Ensino Secundário	7,2
Curso médio-superior	11,2
Total	100%

Profissão mãe	
Desempregada	10,4
Vendedor ambulante	10,4
Empregada de balcão	10,4
Cozinheira/ajudante cozinha	8,8
Doméstica/limpezas	28,0
Empresária/negócio próprio	8,8
Secretária/administrativa	4,8
Área da educação	11,2
Não respondeu	7,2
Total	100%

Profissão pai	
Desempregado	11,2
Vendedor ambulante	12,0
Construção civil	11,2
Actor	0,8
Socateiro	1,6
Limpezas	0,8
Cozinheiro	5,6
Mecânico	5,6
Empresário/negócio próprio	8,0
Pescador	1,6
Motorista/Distribuidor	5,6
Electricista	3,2
Polícia	3,2
Reformado	4,8
Professor	0,8
Não respondeu	24,0
Total	100%

Por último, e tendo em conta a revisão de literatura sobre o período da adolescência e a importância do grupo de pares nesta fase, tornou-se pertinente tentar perceber se os jovens que constituíam a amostra tinham ou não um grupo de pares e qual o grupo mais importante para si. Também a importância atribuída pelo jovem a esse grupo foi tida em conta, para que os resultados pudessem ser melhor interpretados à luz destes dados. Assim, e tal como pode ser observado através do Quadro 5, constatou-se que é o grupo do bairro que maior importância tem para os sujeitos da amostra (62,4%). A importância atribuída ao grupo escolhido que assumiu uma maior percentagem foi o “muitíssimo importante” (47,2%), o que nos permite compreender desde logo quão importante o grupo de pares é para os sujeitos da nossa amostra (Vide Anexo G). Ainda através de uma análise descritiva das respostas dos sujeitos em relação aos actos praticados (Vide anexo H), podemos verificar que em todas as respostas há uma percentagem mais significativa de actos realizados em grupo, comparando com actos realizados sozinhos, à excepção da resposta à questão 12 (transportar uma arma), em que a percentagem é muito similar.

E embora em diversas respostas exista uma prevalência em termos de percentagem sobre o facto de nunca ter praticado aquele acto, o certo é que mesmo nesses casos, a percentagem de praticado com o grupo de pares é superior à percentagem de praticado sozinho.

Quadro 5 – Características do Grupo de Pares da Amostra

Variáveis	%
Grupo mais importante	
Colegas turma	9,6
Colegas escola	20
Grupo do bairro	62,4
Grupo desporto	6,4
Grupo música	1,6
Total	100%
Importância do grupo	
Nada importante	2,4
Pouco importante	4,8
Importante	24,0
Bastante importante	21,6
Muitíssimo importante	47,2
Total	100%

Deste modo, podemos concluir que os sujeitos da nossa amostra estão claramente inseridos num grupo de amigos que também apresenta comportamentos delinquentes, e que o mesmo é extremamente importante para si. Esta importância atribuída ao grupo leva-nos a pensar que o grupo de pares pode funcionar como uma fonte de segurança para estes jovens, onde a fraca relação com as figuras parentais pode ser compensada. Será através das relações no seio do grupo que conseguirão o sentimento de pertença, de reconhecimento e de identidade porque tanto anseiam. Já como referem Rubin e Fredstrom (2008), as relações de proximidade estabelecidas na adolescência têm um carácter atenuante e compensador aquando de pobres experiências relacionais na infância. O facto de um adolescente possuir amizades recíprocas pautadas por qualidades positivas, pode de facto atenuar e compensar a relação inadequada com as figuras parentais (Rubin et al., 2004; Aikins, Howes & Hamilton, 2009). Por outro lado, o facto de ter sido o grupo do bairro que assumiu maior preferência pelos jovens, contrapõe os resultados encontrados por alguns autores (e.g. Kirchler e Gouveia-Pereira, 1998), que salientam que é o grupo de colegas da escola que normalmente assume maior importância para os adolescentes, devido ao facto de ser na própria escola que passam grande parte do seu dia-a-dia. Logo, o convívio com os pares acaba por acontecer no contexto escolar. No entanto, os

resultados observados no presente estudo podem dever-se ao facto de a grande maioria dos participantes residir em bairro social e aí ter os amigos que acompanharam o seu crescimento e desenvolvimento, até porque 27,2% dos sujeitos da amostra (a percentagem mais elevada), referiu preferir o local onde reside devido ao facto de ter lá os seus amigos.

Por outro lado, o facto de estes jovens estarem inseridos em grupos cujos pares também apresentam problemas ao nível do comportamento, vai ao encontro da literatura existente sobre a temática, que nos diz que a associação a pares delinquentes é mais provável quando se é portador de vários factores de risco, designadamente alguns já descritos ao longo deste trabalho (e.g. Bordin & Offord, 2000; Fonseca, 2000; Le Blanc & Janosz, 2002; Fonseca & Simões, 2002; McCord, 2002; Patterson & Yoerger, 2002; Formiga & Gouveia, 2005; Farrington, 2008) e observáveis nos jovens da nossa amostra, como sejam: as escassas habilitações literárias tanto dos jovens como dos pais, o elevado número de reprovações escolares, o facto da grande maioria residir em meios sociais mais desfavorecidos, as detenções policiais precoces, o elevado número de irmãos ou as profissões não qualificadas dos pais ou mesmo o desemprego dos mesmos.

No entanto, Brownfield e Thompson (1991), vêm referir que entre os membros de um grupo de delinquentes, normalmente designado como gang, são escassas as relações de vinculação. Portanto, e havendo uma tendência por parte destes jovens em manifestarem baixos níveis de confiança e respeito pelos amigos, a motivação para se manterem ligados aos mesmos prende-se sobretudo com o facto de carecerem de competências sociais necessárias para estabelecerem relacionamentos pessoais próximos. Também Emler e Reicher (1995), que se têm dedicado ao estudo destes factores, postulam que a delinquência se deve, sobretudo, a uma escolha deliberada do adolescente para alcançar uma posição de maior valor e poder no seio do grupo de pares, que deriva essencialmente da forma como o mesmo é visto pelos que o rodeiam. Os autores designam este fenómeno social por Reputação. Porém, e de acordo com Born (2005), é o facto de os pares delinquentes proporcionarem ao jovem reforços sociais que actuam de forma importante, pela sua aprovação das condutas desviantes e pelo reconhecimento de um estatuto no grupo, que é preponderante para a associação aos mesmos.

4.2. Instrumentos

Para a concretização dos objectivos desta investigação, assim como para a validação das hipóteses formuladas, procedeu-se à utilização de vários instrumentos, designadamente o *Inventário da Vinculação para Pais e Pares (IPPA)*, o *Questionário de Caracterização do Grupo de Amigos*, a *Escala de Desvio e Delinquência* e o *Questionário de Caracterização a Amostra (QCA)*.

O *Inventário da Vinculação para Pais e Pares (IPPA)*, de Neves, Soares e Silva (1995), é uma versão adaptada do *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)*, elaborado por Armsden e Greenberg (1987). É uma escala de tipo Likert, de 5 pontos, que varia entre 1 (Nunca) e 5 (Sempre). Visa avaliar a qualidade da vinculação do adolescente à mãe, ao pai e ao grupo de pares, ao nível das dimensões cognitivas, comportamentais e afectivas, que envolvem aspectos como a confiança, a compreensão e respeito mútuo (cognitivas), a acessibilidade e responsividade das figuras de vinculação (comportamentais), a raiva, a irritação e o ressentimento (estados emocionais) dirigido a essas mesmas figuras, e também a desvinculação ou o isolamento na relação com cada uma delas. É composto por 75 itens, que são distribuídos equitativamente pela figura materna, pela figura paterna e pelos amigos. Para cada uma das escalas, e a partir dos procedimentos da análise factorial, emergiram três subescalas: Confiança, Comunicação e Alienação. É uma escala que pretende abranger adolescentes e jovens adultos.

A versão inicial do IPPA esteve sujeita a um processo de revisão, de forma a possibilitar a avaliação da vinculação do adolescente ao pai, à mãe e aos amigos de forma separada (que não acontecia na versão original), o que implicou mudanças ao nível do processo de classificação das diferenças individuais da vinculação. São classificados como apresentando uma vinculação segura em cada uma das escalas, os sujeitos cujos resultados nas mesmas se situem acima da média. São classificados como apresentando uma vinculação insegura em cada uma das escalas, os sujeitos cujos resultados nas mesmas se situem abaixo da média (Armsden & Greenberg, 1987). Alguns exemplos de itens podem ser: “*A minha mãe respeita os meus sentimentos*”, “*A minha mãe confia na minha maneira de pensar*” e “*A minha mãe não me dá muita atenção*” para a escala da vinculação à mãe; “*Sinto que o meu pai funciona bem como pai*”, “*O meu pai aceita-me tal como sou*” e “*Quando conversamos, o meu pai presta atenção ao meu ponto de vista*” para a escala da vinculação ao pai; “*Quando estou zangado com os meus amigos, sinto-me só e à parte deles*”, “*Os meus amigos preocupam-se com o meu bem-estar*” e “*Posso contar com os meus amigos quando tenho necessidade de desabafar*” para a escala da vinculação ao grupo de pares. (Vide Anexo B). De modo a se obter melhor consistência interna das escalas, removeu-se o item 8 do Questionário de Vinculação à Mãe, que corresponde à subescala alienação, e os itens 1, 9 e

16 do Questionário de Vinculação aos Pares, que correspondem às subescalas comunicação (1,16) e alienação (9). Estes itens foram removidos por se considerar que não constituíam bons índices do constructo que se pretendia medir. Assim, a análise de resultados obtidos não teve em conta os itens eliminados, considerando-se que os restantes itens representavam uma medida mais fiel para avaliar a qualidade da vinculação do adolescente às figuras significativas.

O *Questionário de Caracterização do Grupo de Pares* foi construído com base na literatura e com a finalidade de perceber qual o tipo de grupo de pares do adolescente: se é um grupo formal ou informal, qual a sua identificação ao mesmo e qual a importância que o mesmo desempenha para si. (Vide Anexo C).

A *Escala de Desvio e Delinquência*, de Sanches e Gouveia-Pereira (2010), é uma versão reduzida da escala original, desenvolvida por Gouveia-Pereira e Carita (2005, cit. por Sanches e Gouveia-Pereira, 2010). É uma escala de tipo Likert, de 5 pontos, que varia entre 1 (Sempre) e 5 (Nunca), e que visa avaliar o nível de delinquência em adolescentes. É constituída por 20 itens que medem a frequência dos comportamentos delinquentes que ocorreram no último ano. De um modo geral, os itens remetem para comportamentos de vandalismo, comportamentos aditivos, agressões físicas ou verbais, comportamentos disruptivos na escola, roubos e desobediência a regras e a figuras de autoridade. Alguns exemplos de itens podem ser: ”*Andar à luta com colegas ou entre grupos*”, “*Assaltar um carro, casa, loja, escola ou outro edifício*” e “*Usar algum tipo de arma (ex: canivete, navalha, pistola)*”. (Vide Anexo D)

O *Questionário de Caracterização da Amostra (QCA)* foi construído com base na literatura com a finalidade de melhor perceber algumas características da amostra, como sejam os dados sócio-demográficos, os dados familiares e a situação escolar dos sujeitos da amostra. (Vide Anexo E).

4.3. *Procedimento*

Contactaram-se várias entidades que, de algum modo, estão ligadas a jovens que praticam ou já praticaram comportamentos infractores, no distrito de Lisboa, de forma a se obter a autorização para a administração dos instrumentos. Numa primeira fase, reuniu-se com o Coordenador/Responsável por cada uma destas entidades, a quem se explicou de forma pormenorizada os objectivos da investigação. Uma vez concedida a autorização, distribuiu-se os Termos de Consentimento Informado (Vide Anexo A) para serem entregues aos Encarregados de Educação dos jovens, com o objectivo de permitirem a participação dos seus educandos no estudo. Numa fase posterior, e após o consentimento de todos os Encarregados de Educação, combinou-se com os jovens o dia e a hora para a administração dos instrumentos. A aplicação dos mesmos foi iniciada com a minha apresentação, salientando-se a não existência de respostas certas ou erradas, e reforçando-se o facto de se tratar de questionários anónimos, de modo a que as respostas dadas pelos jovens fossem o mais verdadeiras possível. Informou-se, também, os participantes da minha disponibilidade para esclarecer alguma dúvida ou dificuldade que pudesse surgir, e de que não haveria limite de tempo para o preenchimento dos questionários.

A administração decorreu nas instalações das diferentes instituições, e a vários jovens em simultâneo, sendo que se tentou proceder com uniformidade em todas as aplicações, no sentido de controlar variáveis estranhas à investigação. Os instrumentos foram todos aplicados no mesmo dia a cada jovem, iniciando-se com o Inventário de Vinculação na Adolescência, seguindo-se pelo Questionário de Caracterização do Grupo de Amigos, pela Escala de Desvio e Delinquência e, por fim, pelo Questionário de Caracterização da Amostra, com uma duração média de 25 minutos. Terminada a recolha de dados, construiu-se a base de dados e procedeu-se ao tratamento dos mesmos, utilizando o Software estatístico PASW Statistics (ex-SPSS), a fim de verificar as qualidades psicométricas dos instrumentos e a veracidade das hipóteses colocadas.

5. Análise de Resultados e Discussão

5.1. Análise Descritiva

Relativamente à análise descritiva dos dados, no Quadro 6 apresentam-se as médias, os desvios-padrão e os alphas de Cronbach das escalas de Vinculação à Mãe, Vinculação ao Pai, Vinculação aos Pares e respectivas subescalas – Confiança, Comunicação e Alienação – e Delinquência, tomando por base as pontuações directas dos testes (Vide anexo J).

Quadro 6 – Médias (*M*), Desvios-padrão (*DP*) e alphas de Cronbach (*a*) observados dos resultados nas provas

Escala/Subescala	M	DP	α
Delinquência	1.9672	.71671	,863
Vinculação Mãe	3.7540	.59534	,860
Mãe_Confiança	4.1312	.71667	,835
Mãe_Comunicação	3.4311	.73277	,718
Mãe_Alienação	2.4192	.71591	,521
Vinculação Pai	3.5654	.70808	,916
Pai_Confiança	3.9728	.81025	,877
Pai_Comunicação	3.7427	.97217	,796
Pai_Alienação	2.6467	.78762	,662
Vinculação Pares	3.8793	.54613	,840
Pares_Confiança	4.1032	.65105	,815
Pares_Comunicação	3.7920	.77212	,762
Pares_Alienação	2.4067	.67315	,499

Através dos valores observados, é possível verificarmos que a média de delinquência é relativamente baixa na nossa amostra ($M=1,97$). Por outro lado, e através das médias das escalas de vinculação, percebemos que a vinculação é relativamente elevada, caracterizando os sujeitos da nossa amostra como seguros, tanto em relação à mãe ($M=3,75$), como ao pai ($M=3,56$), como aos pares ($M=3,87$).

Deste modo, e tendo em conta a literatura existente sobre a delinquência juvenil, seria de esperar que a vinculação dos sujeitos da nossa amostra fosse maioritariamente insegura. Também seria de esperar, e tendo em conta que os jovens da amostra foram sinalizados por técnicos que trabalham com eles de perto e alguns mesmo estão ao abrigo de medidas tutelares por parte IRS (Instituto de Reinserção Social) e por isso integrados nas turmas PIEF, como jovens que declaradamente já praticaram ou continuam a praticar actos delinquentes, a média de delinquência fosse superior àquela observada através dos resultados. Isto leva-nos a acreditar que as respostas dos nossos jovens possam ter sido dadas, em parte, de acordo com aquilo que é socialmente desejável, ou seja, aquilo que de um ponto de vista moral ou racional é socialmente aceitável. No entanto, estes dados parecem ir ao encontro dos resultados observados por Rodrigues (2009), cujos jovens constituintes da amostra foram classificados como delinquentes por se encontrarem em regime de internato em Centros Educativos e quando avaliada a vinculação dos mesmos face a figuras significativas, a mesma apresentou-se como maioritariamente segura. Estes resultados contrariaram a literatura existente e já referida ao longo deste trabalho, que nos diz que jovens com comportamentos delinquentes tendem a apresentar padrões de vinculação marcados pela insegurança.

Porém, não podemos deixar de considerar a perspectiva de Born (2005), quando refere que os adolescentes com comportamentos delinquentes tendem a estabelecer uma imagem mítica dos pais, totalmente desligada da realidade. O autor refere ainda que o desenvolvimento “normal” da criança induz na mesma, quando chega à adolescência, uma imagem matizada dos seus pais, onde estão integrados os lados bons e os maus, o que só é possível de ser construído graças à relação de vinculação pais-filhos. Embora os pais possam contribuir com elementos positivos (calor humano, segurança, bens materiais, alimentação), também estabelecem constrangimentos. Gradualmente, a criança vulgar vai atingindo uma certa ambivalência, pois vai percebendo os pais não apenas em função das suas próprias satisfações mas também em função das suas próprias exigências. Logo, todos os outros com quem irá estabelecer relações no futuro, serão vistos como alguém que não tem apenas deveres para consigo, mas também direitos. Já nas crianças que vêm mais tarde a apresentar problemas de comportamento, o acesso a esta imagem matizada dos pais, é com frequência mal franqueada. A vinculação que lhes está subjacente é sobretudo utilitária. Como tal, a imagem formada acerca dos pais, é algo diferente da imagem real, sendo frequentemente uma imagem de onipotência, idealizada e totalmente positiva. Segundo o mesmo autor, o jovem delinvente não vê os defeitos dos seus pais, antes pelo contrário, os mesmos representam personagens que poderiam satisfazer todos os seus desejos insatisfeitos, embora estejam frequentemente ausentes (física ou psiquicamente). Todavia, a imagem criada por estes jovens é muito difícil de contestar, pois está na base uma rescrição do passado por parte do

adolescente, onde é criada uma imagem falsa de algo que nunca existiu. Também Coimbra de Matos (2002), embora numa perspectiva mais psicodinâmica, vem referir estes pressupostos, ressaltando que a delinquência juvenil está associada a uma perturbação ao nível do vínculo, marcada pela descontinuidade relacional e por diversas privações de afecto e de um meio seguro e contentor. Como tal, a segurança emocional que estes jovens podem manifestar em relação às figuras parentais, está associada a uma idealização das mesmas. Tendem por isso a negar a realidade, negando o próprio vazio interno e a falta de suporte e de contenção que não foram disponibilizados por estas figuras. Esforçam-se então por acreditar numa segurança emocional que no fundo não existe, mas que lhes serve de fuga ao sofrimento que esta realidade lhes provoca. O medo de perderem o vínculo será muito grande e a solução estará na criação de uma realidade própria onde as figuras parentais são (re)construídas. Por isso estes adolescentes, que não têm limites entre a fantasia e aquilo que é de facto a realidade, funcionam sob um mundo interno desorganizado, violento e destrutivo, procurando no mundo exterior lugar para a sua angústia de abandono.

Nesta continuidade, torna-se pertinente salientar algumas constatações observadas através dos resultados das provas, pois embora as médias das dimensões da comunicação e confiança se apresentem elevadas em relação às três figuras, também a dimensão da alienação apresenta valores medianos. Assim, e apesar da relação com estas figuras se apresentar como uma relação de qualidade, onde está patente o apoio emocional, a confiança e a comunicação aberta e compreensiva, a mesma parece também integrar sentimentos de revolta, zanga e afastamento em relação a estas figuras, o que nos dá conta de alguma paradoxalidade e de um conflito interno nestes jovens. Estes dados sugerem-nos assim, a presença de um padrão desorganizado de vinculação, que tal como referem Main e Solomon (1990), ao mesmo tempo que existe uma procura de proximidade do contacto, há também uma manifestação de comportamentos de afastamento, caracterizando-se este tipo de vinculação por uma ambivalência de sentimentos. Uma vez mais, é-nos possível reforçar a ideia de que a vinculação securizante que é manifestada por estes jovens em relação às figuras significativas, não passa de uma idealização por parte dos mesmos daquilo que gostariam que realmente fosse a sua realidade.

5.2. Análise de correlação

De forma a confirmar ou infirmar as hipóteses em estudo, tentou-se compreender qual a relação entre a vinculação a figuras significativas e a delinquência. As correlações entre as mesmas foram realizadas através do coeficiente de correlação de Pearson e apresentam-se no Quadro 7 (Vide anexo L).

Quadro 7 – Análise de correlação entre as escalas e subescalas da Vinculação e escala da Delinquência

	Delinq	Vincul. Mãe	Mãe Confian	Mãe Comu	Mãe Alien	Vincul. Pai	Pai Confian	Pai Comu	Pai Alien	Vincul. Pares	Pares Confian	Pares Comu	Pares Alien
Delinq	-												
Mãe Vincul.	-.281**	-											
Mãe Confian	-.210*	.888**	-										
Mãe Comu	-.240**	.897**	.686**	-									
Mãe Alien	.261**	-.560**	-.280**	.365**	-								
Pai Vincul.	-.296**	.419**	.347**	.413**	.215**	-							
Pai Confian	-.211*	.423**	.434**	.389**	n.s.	.925**	-						
Pai Comu	-.190*	.374**	.325**	.382**	n.s.	.898**	.863**	-					
Pai Alien	.343**	n.s.	n.s.	n.s.	.467**	-.713**	-.487**	-.534**	-				
Pares Vincul.	-.198*	n.s.	.249**	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	-			
Pares Confian	-.206*	.213*	.338**	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	.932**	-		
Pares Comu	n.s.	n.s.	.232**	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	.821**	.751**	-	
Pares Alien	.259**	n.s.	n.s.	n.s.	.200*	n.s.	n.s.	n.s.	.270**	-.531**	-.298**	n.s.	-

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;

n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

Delinq – Delinquência; Vincul. – Vinculação; Confian – Confiança; Comu – Comunicação; Alien - Alienação

Através da observação da matriz de correlação, é-nos possível verificar que há correlações significativas e negativas entre a vinculação a estas figuras e a delinquência, embora a vinculação aos pais se apresente com valores de correlação estatisticamente mais significativos do que a vinculação aos pares ($P < 0.01$ para Vinculação à Mãe e Vinculação ao Pai e $P < 0.05$ para Vinculação aos Pares). Estes dados vão no sentido de alguns estudos já realizados e descritos no decorrer deste trabalho (e.g. Le Blanc & Janosz, 2002; Van Ijzendoorn, 2002; Fonseca & Simões, 2002; Machado, 2004; Born, 2005) e permitem-nos confirmar a primeira hipótese em estudo, que estipula que a vinculação está correlacionada de forma negativa com a delinquência, ou seja,

quanto maior a vinculação a estas figuras, menor a ocorrência de comportamentos delinquentes. O facto de a vinculação às figuras parentais ser estatisticamente mais significativa do que a vinculação aos pares pode dever-se ao facto de as figuras parentais se apresentarem enquanto figuras principais de vinculação. E embora o grupo de pares possa ser de extrema importância para os jovens durante a adolescência, os laços afectivos estabelecidos com as figuras parentais mantêm-se activos durante todo o ciclo de vida (Bowlby, 1969, 1984). No entanto, e através de uma análise mais pormenorizada dos coeficientes de correlação, observamos que é a vinculação ao pai que está mais correlacionada com a delinquência. Em relação às subescalas confiança, comunicação e alienação, verificamos que é a dimensão da alienação que assume valores de correlação mais elevados para qualquer uma das figuras, destacando-se, uma vez mais, a alienação ao pai como a dimensão da vinculação que está mais correlacionada com a delinquência. Estes dados assumem maior importância se considerarmos que nas últimas décadas têm sido desenvolvidos variados estudos sobre a importância da figura paterna, reconhecendo-se a importância da mesma no desenvolvimento da criança e do adolescente (e.g. Lamb, 1987; Cabrera, Tamis-Lemonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000; Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos & Fernandes, 2008). Inclusive, a figura paterna tem vindo a ser reconhecida como figura com um importante papel na dinâmica familiar, sendo o pai distinguido como companheiro, fornecedor de suporte emocional, prestador de cuidados, modelo a seguir e protector (Lamb, 1987; 2010).

Ainda através da matriz de correlação, é também possível verificar que todas as dimensões da vinculação relativamente às figuras parentais estão significativamente correlacionadas com a delinquência, sendo que as dimensões da confiança e da comunicação estão correlacionadas de forma negativa e a dimensão da alienação está correlacionada de forma positiva. Assim, quanto maior a vinculação ao nível das dimensões da comunicação e confiança na relação com os pais, menor a ocorrência de comportamentos delinquentes. Por outro lado, quanto menor a alienação, enquanto componente da vinculação, na relação com os pais, também menor será a ocorrência de comportamentos delinquentes. No que concerne à relação com os pares, é-nos possível verificar que apenas as dimensões da confiança e alienação se encontram correlacionadas de forma significativa com a delinquência, sendo que a comunicação se apresenta correlacionada de forma negativa e a alienação de forma positiva. Assim, podemos concluir que quanto maior a vinculação ao nível confiança na relação com os pares, e menor a alienação na relação com estas figuras, menor será a manifestação de comportamentos delinquentes. Deste modo, estes dados não nos permitem confirmar a segunda hipótese em estudo na sua totalidade, que estipula que os padrões de vinculação ao nível da confiança e comunicação relativamente a figuras significativas estão

correlacionados de forma negativa com a delinquência, na medida em que a dimensão da comunicação na relação com os pares não se apresentou como estatisticamente significativa quando correlacionada com a delinquência. No entanto, os mesmos dados permitem-nos sim confirmar a terceira hipótese em estudo, que estipula que os padrões de vinculação ao nível da alienação estão correlacionados de forma positiva com a delinquência.

Também através da matriz de correlação, é-nos possível verificar que existem correlações significativas e positivas entre a vinculação à mãe e a vinculação ao pai, o que nos sugere que uma vinculação segura à mãe pressupõe uma vinculação segura ao pai, e vice-versa. Por outro lado, a vinculação à mãe apresenta-se correlacionada de forma positiva e estatisticamente significativa com as dimensões da confiança e comunicação na relação com o pai, e com a dimensão da confiança na relação com os pares. Estes dados sugerem-nos que quanto mais vinculação ao nível da confiança com a mãe, melhores serão os padrões de vinculação ao nível da confiança e comunicação com o pai, e ao nível da confiança na relação com os pares. Já a vinculação ao pai, também se correlaciona de forma positiva e estatisticamente significativa com as dimensões da confiança e comunicação na relação com a mãe, e de forma negativa com a dimensão da alienação na relação com a mãe. Assim, quanto maior a vinculação ao nível da confiança com o pai, melhores serão os padrões de vinculação ao nível da confiança e comunicação na relação com a mãe e menor será a alienação em relação à mesma. Isto remete-nos para uma complementaridade entre a relação com a mãe e a relação com o pai, ou seja, falhando uma destas relações, muito possivelmente a relação com a outra figura poderá ser afectada. Podemos ainda observar que existe uma correlação estatisticamente significativa e positiva entre todas as dimensões da vinculação na relação com estas figuras, ou seja, perante maior confiança, comunicação e alienação em relação à mãe, maior confiança, comunicação e alienação em relação ao pai. Estes dados vêm reforçar o anteriormente dito.

É-nos possível verificar ainda que a vinculação ao grupo de pares apenas se correlaciona de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão da confiança na relação com a mãe. Ou seja, uma relação de confiança com a mãe pressupõe uma relação de vinculação segura com os pares. Também as dimensões da comunicação e confiança na relação com os pares se correlacionam de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão da confiança na relação com a mãe, apresentando-se a mesma como um forte preditor para uma boa relação com os pares. Por outro lado, a dimensão da alienação na relação com os pares correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com as dimensões da alienação tanto na relação

com a mãe como na relação com o pai. Assim, perante sentimentos de alienação face aos pais, os jovens tenderão a manifestar os mesmos sentimentos em relação aos pares.

5.3. *Análises de regressão múltipla*

De forma a melhor compreender o impacto das diferentes dimensões da vinculação sobre a ocorrência de comportamentos delinquentes, utilizou-se a análise de regressão múltipla, através do método *stepwise* (Vide anexo N). Tal como recomendam Baron e Kenny (1986), foram apenas utilizadas variáveis independentes com efeitos estatisticamente significativos na variável dependente. Assim, as variáveis utilizadas foram as dimensões da Confiança, Comunicação e Alienação da escala da Vinculação à Mãe; Confiança, Comunicação e Alienação da escala da Vinculação ao Pai; e Confiança e Alienação da escala da Vinculação aos Pares. Inicialmente, procedeu-se a uma análise de regressão múltipla para cada uma das figuras significativas (mãe, pai e pares), que se apresenta nos Quadros 8, 9 e 10. Posteriormente, e por se considerar a importância da figura da mãe e da figura do pai enquanto figuras parentais, procedeu-se a uma análise de regressão múltipla para ambas as figuras, que se apresenta no Quadro 11.

Quadro 8 – *Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação à Mãe e a escala da Delinquência*

Dimensões da Vinculação	β	R ²
Mãe_Alienação	.261*	.061%
Mãe_Confiança	n.s.	
Mãe_Comunicação		

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;
n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

Quadro 9 – *Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação ao Pai e a escala da Delinquência*

Dimensões da Vinculação	β	R^2
Pai_Alienação	.343**	.110%
Pai_Confiança Pai_Comunicação	n.s.	

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;
n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

Quadro 10 – *Análise de regressão múltipla entre as dimensões das escalas da Vinculação aos Pais e a escala da Delinquência*

Dimensões da Vinculação	β	R^2
Pares_Alienação	.259**	.059%
Pares_Confiança	n.s.	

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;
n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

Verificou-se, assim, que tanto na vinculação à mãe, como ao pai, como ao grupo de pares, é a dimensão da alienação que maior poder preditivo tem sobre a ocorrência de comportamentos delinquentes, sendo que é a alienação na relação com pai e com os pares que se apresenta como estatisticamente mais significativa quando correlacionada com a delinquência. Assim, e tendo em conta que a alienação se apresenta correlacionada de forma positiva com a delinquência, subentende-se que quanto maior a alienação em relação a estas figuras, maior a ocorrência de comportamentos delinquentes.

Quadro 11 – *Análise de regressão múltipla entre as dimensões das escalas da Vinculação às Figuras Parentais e a escala da Delinquência*

Dimensões da Vinculação	β	R ²
Mãe_Confiança	-.210**	.148%
Pai_Alienação	.342**	
Mãe_Alienação	n.s.	
Mãe_Comunicação		
Pai_Confiança		
Pai_Comunicação		

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;
n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

No entanto, quando procedemos a uma análise de regressão múltipla para ambas as figuras com as mesmas dimensões da vinculação, observamos que a alienação mantém-se como a variável com maior poder preditivo para o pai. Todavia, em relação à figura materna, a dimensão da confiança passa a ser a variável com maior poder preditivo sobre a delinquência.

Deste modo, optou-se por se realizar uma análise de regressão múltipla apenas com as dimensões significativas que sobressaíram das análises anteriores, nomeadamente a dimensão da confiança e da alienação em relação à mãe, a dimensão da alienação em relação ao pai e a dimensão da alienação em relação aos pares, que se apresenta no Quadro 12.

Quadro 12 – *Análise de regressão múltipla entre as dimensões das escalas da Vinculação e a escala da Delinquência*

Dimensões da Vinculação	β	R ²
Mãe_Confiança	-.224**	.177%
Pai_Alienação	.289**	
Pares_Alienação	.196*	
Mãe_Alienação	n.s.	

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;
n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

Verificou-se, assim, que as variáveis que se apresentam com maior poder preditivo sobre a ocorrência de comportamentos delinquentes são as dimensões da alienação na relação com o pai e com os pares e a dimensão da confiança na relação com a mãe. Tendo em conta que a dimensão da confiança se correlaciona de forma negativa e a alienação de forma positiva com a delinquência, subentende-se que quanto maior a confiança na relação com a mãe e menor a alienação na relação com o pai e com os pares, menor será a ocorrência de comportamentos delinquentes. Estes dados infirmam assim a quarta hipótese em estudo, que estipula que é a dimensão da Comunicação em relação a estas figuras significativas que se apresenta como a variável com maior poder preditivo para a delinquência.

Por esta altura, torna-se então pertinente referir a perspectiva de Sprinthall e Collins (2008), quando referem que a alienação tem sido considerada como a reacção adaptativa mais frequente durante a adolescência, não devendo por isso, ser considerada como um comportamento patológico, mas como um comportamento esperado. Todavia, não quererá isto dizer que, embora sendo um comportamento esperado devido à sua componente adaptativa, não possa ser um factor de risco para a delinquência, até porque os mesmos autores referem que se pode entender por *alienação* uma sensação de desespero e de separação, em que o sentimento de separação é invulgarmente mais intenso, e vivido como sendo posto de parte ou estar separado. Frequentemente associa-se a sensações de que nada é realmente importante, havendo uma grande tendência para questionar muitos dos pressupostos da sociedade, o que muitas das vezes desencadeia comportamentos desviantes, como sejam exemplo disso vandalismo na escola ou locais públicos, absentismo prolongado às aulas ou recusa em participar em grande parte das actividades escolares ou da comunidade (Sprinthall & Collins, 2008). À luz destes dados, não podemos deixar de referir que na nossa amostra os comportamentos de vandalismo e desacato à autoridade assumiram a maior percentagem de comportamentos praticados, e que praticamente metade dos sujeitos da nossa amostra já foram detidos policialmente. No entanto, é também relevante referir que a alienação pode assumir diferentes formas, até porque a realidade é subjectiva e cada adolescente vivencia experiências diferentes, embora exista uma tendência para os adolescentes do sexo masculino que vivenciam períodos de alienação, serem mais propensos a irem contra a lei e a praticar actos dessa índole (Sprinthall & Collins, 2008). Estes dados acabam por ser congruentes com os dados salientes da presente investigação.

Relativamente ao facto de os padrões de vinculação ao nível da confiança na relação com a mãe serem fortes preditores sobre a delinquência, pode dever-se ao facto de a figura materna se constituir, à partida, enquanto figura principal de vinculação, a quem desde cedo cabe a responsabilidade dos cuidados prestados à criança, como conforto e segurança, desempenhando a

mesma um papel fundamental no seu desenvolvimento (Bowlby, 1969). Deste modo, uma vinculação segura com a figura materna, onde prevaleça a confiança no seio desta relação, poderá ser uma forte atenuante sobre a delinquência. No entanto, a confiança que parece estar aqui presente na relação destes jovens com a mãe, que comparativamente às outras dimensões da vinculação à mãe é aquela que apresenta uma média mais elevada ($M = 4.1312$), poderá corresponder a uma imagem idealizada por parte dos mesmos relativamente a esta figura, onde é criada uma imagem falsa de algo que nunca existiu, e à necessidade por parte destes jovens em satisfazer um desejo insatisfeito (Born, 2005). No fundo, negam a realidade e esforçam-se por acreditar que a confiança realmente existe nesta relação para não se confrontarem com o vazio e com a ausência de uma figura securizante. Já como refere Coimbra de Matos (2002), e como já referido anteriormente, há uma negação da realidade por parte destes jovens. Negam a falta de suporte e de contenção que não foram disponibilizados pela figura materna e reconstróem uma imagem ideal da mesma de acordo com aquilo que valorizam. Talvez a confiança que aqui é projectada na figura materna, seja uma forma de fugirem à falta de vínculo securizante que uma figura abandonante e desnarcizante lhes provoca. Até porque como Born (2005) salienta, a carência relacional provocada por uma separação prolongada da mãe ou por incapacidade por parte da mesma em desempenhar um papel tranquilizador, está na maioria das vezes, na origem de comportamentos delinquentes na adolescência. Também segundo Van Ijzendoorn (2002), a falta de confiança na relação com a mãe, tenderá a gerar falta de confiança no próprio e nos outros, levando à manifestação de comportamentos delinquentes. Deste modo, a delinquência assume-se como uma fuga ao sofrimento que esta realidade lhes provoca, funcionando sob um mundo interno desorganizado, violento e destrutivo, e procurando no mundo exterior lugar para a sua angústia de abandono (Coimbra de Matos, 2002).

No entanto, será importante reforçar por esta altura, e tendo por base as análises de correlação efectuadas entre as dimensões da vinculação face às várias figuras significativas, que a confiança na relação com a mãe pressupõe uma melhor comunicação e confiança na relação com o pai, mas também mais confiança na relação com os pares. É também possível verificar que a vinculação ao grupo de pares apenas se correlaciona de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão da confiança na relação com a mãe. Ou seja, uma relação de confiança com a mãe pressupõe uma relação de vinculação segura com os pares. Também as dimensões da comunicação e confiança na relação com os pares se correlacionam de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão da confiança na relação com a mãe, apresentando-se a mesma como um forte preditor para uma boa relação com os pares e como uma dimensão muito valorizada por estes jovens.

6. Conclusão

Todas as pessoas, em dada altura das suas vidas, têm ideias e comportamentos desviantes. No fundo, é um processo que faz parte da experimentação, e que assume maior importância durante a adolescência. No entanto, será a sucessão de escolhas de valores, de meio e de comportamentos que irão minimizar ou maximizar o desvio ao longo do desenvolvimento pessoal de cada um, particularmente durante a adolescência. Ou seja, todos nós escolhemos as pessoas com quem nos relacionamos não por mero acaso, mas devido a uma lógica relacional que tem em conta a correspondência dos valores e a semelhança de condutas. Como tal, e de forma a protegermos ou desenvolvermos certos valores, tendemos a escolher meios que permitirão a eclosão dos comportamentos que estão de acordo com esses mesmos valores (Born, 2005). Assim, a família deverá ser sempre considerada como importante quando se pretende perceber os processos causais da delinquência, até porque foi precisamente a família que propiciou a socialização do indivíduo nos seus primeiros anos de vida, transmitindo as suas crenças e valores. Todavia, também ao grupo de pares deverá ser dada a devida importância. Quando o jovem chega à adolescência, será o grupo de pares que contribuirá para a continuidade da sua socialização. E sendo na escola que os adolescentes passam grande parte do seu tempo, e onde desenvolvem grande parte das interações sociais, a escola terá claramente que ser considerada como um lugar de destaque na socialização dos indivíduos, sendo a mesma um meio regulador e imprescindível para o ajustamento do indivíduo às exigências da sociedade.

No entanto, e tendo em conta os resultados do presente estudo, o “bairro” é um local valorizado pelos jovens da nossa amostra, parecendo dotá-los de um sentimento de identidade e de pertença. Do mesmo modo, os amigos do bairro são também muito valorizados, mais do que os amigos da escola, porque provavelmente é com quem se encontram com maior frequência. Todavia, poderemos pensar até que ponto os amigos do bairro não são também eles colegas da escola, mas mais valorizados enquanto amigos do bairro, pelo sentimento de identidade que geram. Não podemos também esquecer que muitos destes jovens se encontram em auto-gestão e com fraca ou nula supervisão parental desde cedo, o que leva a que muito do seu tempo seja dispendido junto do seu grupo de pares do bairro, muitas das vezes no próprio bairro, e não tanto em contexto escolar. Será então com os amigos do bairro, a quem os seus valores e condutas se assemelham, que o sentimento de identidade e de pertença será reforçado. Isto sugere-nos que o grupo de pares desempenha uma função de socialização, positiva ou negativa, independentemente dos contextos em que se encontrem. Estes dados denotam ainda a importância de cada vez mais se intervir directamente na comunidade, onde mais facilmente se pode aceder aos sistemas e sub-sistemas de cada indivíduo.

Os dados revelados pela presente investigação permitem-nos também compreender que as relações de vinculação dos jovens às suas figuras parentais e ao seu grupo de pares são variáveis muito importantes e que se podem assumir como de risco ou de protecção em relação à delinquência na adolescência. Uma relação de qualidade com as figuras parentais, onde esteja presente a acessibilidade e responsividade destas figuras e onde prevaleçam sentimentos de confiança, compreensão e respeito mútuo, onde flua a comunicação entre os vários elementos e onde não existam sentimentos de raiva, irritação ou ressentimento que levem ao isolamento do adolescente, poderá ser um factor protector de extrema importância sobre a manifestação de comportamentos delinquentes por parte destes jovens. Por outro lado, uma relação de qualidade com o grupo de pares, onde também prevaleçam sentimentos de confiança, compreensão e respeito mútuo e onde o isolamento face aos mesmos não acarrete sentimentos de raiva e irritação, poderá também ser um forte factor protector sobre a delinquência. Todavia, a pertença a um grupo de pares que pratica actos delinquentes, constitui um forte preditor do comportamento delinvente, embora tendam a ser os adolescentes que já apresentam comportamentos desviantes que se associam a pares também eles desviantes, especialmente na adolescência (Patterson & Yoerger, 2002; Simões, 2007). Deste modo, fortes laços de vinculação com as figuras parentais podem ser atenuantes da influência que pares desviantes possam exercer. Do mesmo modo, fortes laços de vinculação com os pares podem atenuar os factores de risco que fracas relações com as figuras parentais podem originar e levar à delinquência.

Assim, a qualidade da relação do indivíduo àqueles que lhe são significativos, assume grande importância nesta investigação. E à luz da revisão de literatura apresentada neste trabalho e dos resultados observados, compreendemos que a vinculação poderá ser um factor preponderante na prevenção da delinquência. Assumindo ainda que a dimensão da confiança na relação com a mãe e a dimensão da alienação na relação com o pai foram duas das variáveis que maior poder preditivo apresentaram sobre a delinquência, considera-se ser de extrema importância que fortes laços de vinculação sejam criados com as figuras parentais desde cedo, onde prevaleçam fortes sentimentos de confiança. Por sua vez, estes sentimentos de confiança previnem comportamentos de alienação por parte do adolescente em relação a estas figuras. Em última instância, estas dimensões serão factores protectores sobre a manifestação de comportamentos delinquentes por parte do jovem. E sendo estas relações protótipos das futuras relações (Bowlby, 1969), quanto mais fortes forem estes laços de vinculação, mais positivas serão as relações de amizade na adolescência. E sendo que a dimensão da alienação em relação ao grupo de pares foi outra das variáveis com maior poder preditivo sobre a delinquência, pressupõe-se que relações de amizade positivas, onde não existam sentimentos de hostilidade

entre os seus membros, previnam comportamentos de alienação que, por sua vez, previnam a manifestação de comportamentos delinquentes.

Assim, e embora não exista muito consenso na literatura sobre a influência da vinculação na delinquência, o certo é que diversos estudos têm demonstrado que existe realmente uma relação entre estas variáveis, e onde está claramente evidenciado que a falta de vinculação e de apoio por parte dos pais pode desencadear um maior envolvimento dos adolescentes em comportamentos delinquentes (Fonseca & Simões, 2002). No entanto, não quererá isto dizer que outros factores não possam também exercer a sua influência. Gottfredson e Hirschi (1990, cit. por Fonseca e Simões, 2002) referem que a vinculação apenas funciona como a base a partir da qual se vai proporcionar a supervisão, o controlo e a educação dos filhos. Também Claes e Lacourse (2001) referem que é a supervisão parental o factor protector mais preponderante para a delinquência. Todavia, e tendo em consideração os resultados da presente pesquisa, considera-se que estas variáveis são sobretudo mediadas pela qualidade da relação com as figuras principais de vinculação. Uma boa relação pais-filhos, uma boa vinculação, permitirá que a supervisão e controlo parental sejam melhor aceites pelo jovem, que os compreenderá e encarará como uma preocupação por parte dos seus pais, que anseiam pelo seu bem-estar.

Deste modo, e tal como sugere Machado (2004), a análise da vinculação deverá ser enquadrada no contexto global da vida do sujeito, pois diversas variáveis com as quais se conjuga, exercem a sua influência. Portanto, a família deverá ser sempre um foco de extrema importância, pois a delinquência de um membro da família é sintoma de uma disfunção familiar. Assim, para passar além da constatação de laços entre as variáveis familiares significativas e a delinquência, temos que olhar atentamente para todo o sistema familiar. Será necessário passar a fronteira do considerarmos apenas a influência maciça de um elemento estrutural ou funcional, ou mesmo de uma acumulação de factores de risco, para pensarmos na dinâmica relacional que possa estar subjacente a todos estes factores (Born, 2005). No entanto, e como também já referido, a influência do grupo de pares não pode ser desprezada na compreensão do desenvolvimento de comportamentos delinquentes. A passagem ao acto está estritamente ligada a este sub-sistema que é o grupo de pares. (Alarcão, 2006). Assim, compreende-se que o grupo de pares e a família são duas entidades fundamentais na socialização e desenvolvimento maturativo de um adolescente. Como tal, não devem nunca ser substituíveis, mas sim complementares, na medida em que ambos contribuem para a resolução das tarefas de desenvolvimento por parte do adolescente e, conseqüentemente, para a construção da sua identidade psicossocial. Todavia, é fundamental que os pais tomem consciência do valor positivo e insubstituível do grupo de pares no desenvolvimento do adolescente, para assim melhor regularem a sua autoridade nesse domínio, até porque o grupo é um facilitador da autonomia do adolescente (Gouveia-Pereira, 1998).

No que concerne às limitações da presente pesquisa, considera-se que a deseabilidade social que está subjacente aos instrumentos utilizados seja uma delas. Seria interessante complementar o estudo com outros instrumentos que possam ser complementares aos actuais e nos permitam melhor compreender a qualidade das relações destes jovens com as figuras significativas. Também o contexto de aplicação será aqui considerado como uma limitação. A aplicação tanto no seio das instituições como nas turmas PIEF ocorreu com um técnico na sala. E embora esta variável possa ser claramente uma variável parasita, principalmente porque os jovens teriam que “declarar” alguns dos comportamentos por si praticados, o facto de terem uma pessoa/adulto conhecida na sala os possa ter intimidado. No entanto, foi uma das exigências feitas por parte das instituições. Por outro lado, e relativamente a sugestões para futuros estudos, a comparação de géneros seria extremamente interessante, já que a literatura nos diz que existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas. Também a comparação ao nível das idades seria um aspecto muito relevante, pois a nossa amostra apresenta uma elevada amplitude de idades (13-18 anos), e se considerarmos as variáveis biológicas e psicossociais que cada faixa etária acarreta, claramente que um jovem de 13 anos não se poderá comparar a um jovem de 18 anos. Por fim, um estudo de carácter longitudinal faria todo o sentido para estudar a problemática em questão. E embora existam alguns estudos longitudinais de extrema relevância para compreendermos a delinquência juvenil (e.g. Farrington 1962, cit. por Farrington, 2008), poucos ou nenhuns existem em Portugal. Além do mais, um estudo longitudinal poderia permitir-nos observar não apenas que factores fomentaram a manutenção da delinquência, mas sobretudo que factores intervieram como factores protectores e permitiram que os até então “delinquentes” tomassem outro rumo nas suas vidas.

Por fim, gostaria apenas deixar uma citação que considerei pertinente apresentar em jeito de conclusão:

“Nem todos os jovens que entram em comportamentos desviantes se tornam delinquentes. Nem todos os jovens que fracassam na escola têm necessariamente um futuro sem esperança. Nem todos os jovens que nasceram numa família disfuncional irão constituir uma família moldada à semelhança da sua herança ou vivência. É que existem nas pessoas ou fora delas factores que possibilitam ultrapassar o lado mais adverso da vida. Está-se a falar de resiliência” (Simões, 2007, p.89).

7. Referências Bibliográficas

- Aikins, J., Howes, C., & Hamilton, C. (2009) Attachment Stability and the emergence of unresolved representations during adolescence. *Attachment and Human Development, 11*,(5) 491-512
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares* (3ªed.). Coimbra: Quarteto.
- Allen, J. (2008). The Attachment System in Adolescence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.). *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (2º ed.). New York: Guilford Press.
- Allen, J., McElhaney, K., Kuperminc, G., & Jodl, K. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development, 75* (6) 1792-1805
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Land, D. J., Kuperminc, G. P., Moore, C. W., O'Beirne, Kelly H., & Kilmer, S. L. (2003). A secure-base in adolescence: markers of attachment security in mother-adolescent relationship. *Child Development, 74* (1) 292-307
- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Ammanitti, M., Van IJzendoorn, M., Speranza, A., & Tambelli, R. (2000). Internal working models of attachment during late childhood an early adolescence: an exploration of stability and change. *Attachment & Human Development, 2* (3) 328-346
- Armsden, G. & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, (5), 427-454.
- Baron, M., & Kenny, A. (1986). The moderator-mediator distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 1173-1182.
- Bretherton, I. (1992). Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology, 28*, (5), 759-775.
- Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Lisboa: Climepsi.

- Bordin, I., & Offord, D. (2000). Transtorno de conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2, (22).
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Attachment* (Vol I, 1ªed.). Harmondsworth: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental* (2ªed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984). *Apego: A natureza do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1969).
- Brown, G., McBride, B., Shin, N., & Bost, K. (2007). Parenting Predictors of Father Child Attachment Security: Interactive Effects of Father Involvement and fathering Quality. *Fathering*, 5, (3), 197-219
- Brownfield, D. & Thompson, K. (1991). Attachment to peers and delinquent behaviour. *Canadian journal of Criminology*, 1, 45-60
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in Twenty-First Century. *Child Development*, 71, (1), 127-136
- Carvalho, J. (1990). Comportamentos desviantes. In B. P. Campos (Ed.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens* (pp. 241-249). Lisboa: Universidade Aberta.
- Cassidy, J. (2008). The Nature of Child's Ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory, Research and Clinical Applications* (2ªed) (pp. 3-19). New York: The Guilford Press.
- Claes, M. & Lacourse, E. (2001). Pratiques parentales et comportements déviantes à l'adolescence. *Enfance*, (4), 379-399
- Clark, R. & Shields, G. (1997). Family and delinquency. *Adolescence*, 32, (125), 81-91
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência: O triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Collins, N. & Read, S. (1990). Adult Attachment Style, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, (4), 644-663
- Doyle, A, Lawford, H., Markiewicz, D. (2009). Attachment style with mother, father, best friend, and romantic partner during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 19, (4), 690-714

- Dwyer, K. M., Fredstrom, B., Rubin, K. H., Booth-LaForce, C., Krasnor, L. R., & Burgess, K. (2010). Attachment, social information processing and friendship quality of early adolescent girls and boys. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27, (1), 91-116
- Emler, N., & Reicher, S. (1995). *Adolescence and delinquency*. Oxford: Blackwell.
- Farrington, D. (2008). O desenvolvimento do comportamento criminoso e anti-social da infância à idade adulta. In A. C. Fonseca (Ed.), *A maldade humana: fatalidade ou educação?* (pp. 221-245). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A. (2002). Comportamento anti-social e família: novas abordagens para um velho problema. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 1-14). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A., & Simões, A. (2002). A teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi: o papel do autocontrolo, da família e das oportunidades. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 245-267). Coimbra: Almedina.
- Formiga, N., & Gouveia, V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: teoria e prática*, 2, (7), 134-170
- Gouveia-Pereira, M. (2009). Percepções de justiça e comportamentos desviantes na adolescência: Que ética?. In V. Cláudio, A. Carita, J. Coelho, M. Gouveia-Pereira, N. R. Silva, O. Romão, R. B. Ribeiro, T. Sá (Eds.), *III Colóquio Europeu de Psicologia e Ética* (pp. 37-87). Lisboa: ISPA.
- Gouveia-Pereira, M. (1998). Os adolescentes e os pais: diferentes percepções acerca do grupo de pares. In M. Martins (Ed.), *IX Colóquio de Psicologia e Educação: Dinâmicas relacionais e eficiência educativa – Actas* (pp. 71-97).
- Guedeney, A. (2004). A teoria da vinculação: a história e as personagens. In N. Guedeney & A. Guedeney (Eds). *Vinculação – Conceitos e aplicações* (pp. 25-31). Lisboa: Climepsi Editores.
- Hamilton, C. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development*, 71, (3), 690-694
- Howes, C. & Spieker, S. (2008). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.). *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (2ªed.) (pp. 317-329). New York: The Guilford Press.

- Kirchler, E. & Gouveia-Pereira, M. (1998). Campo social do adolescente: O individual, o grupo de pares e os outros. In M. Martins (Ed.), *IX Colóquio de Psicologia e Educação: Dinâmicas relacionais e eficiência educativa – Actas* (pp. 19-41).
- Lamb, M. (1987). *The Father's Role: Cross- Cultural Perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. (2010). *The Role of the Father in Child Development* (5ªed.). New Jersey: Hoboken.
- Lieberman, M., Doyle, A., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in later childhood and early adolescence: associations with peer relations. *Child Development*, 70, (1), 202-213
- Le Blanc, M., & Janosz, M. (2002). Regulação familiar da conduta delinvente em adolescentes. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 37-92). Coimbra: Almedina.
- Machado, T. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime* (pp. 291-321). Coimbra: Almedina.
- Main, M. & Soloman, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth strange situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.
- McCord, J. (2002). Forjar criminosos na família. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 15-36). Coimbra: Almedina.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai. *Psicologia*, 22, (1), 105-125
- Neves, L., Soares, I., Silva, M. (1999). Inventário da vinculação na adolescência – IPPA. In *Testes e provas psicológicas em Portugal* (pp. 37-48). Braga: APPORT.
- Patterson, G., & Yoerger, K. (2002). Um modelo desenvolvimental da delinquência de início tardio. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp.93-156). Coimbra: Almedina.
- PETI (2003). *Programa PIEF*. Consultado em 20 de Julho de 2011 através de http://www.peti.gov.pt/peeti_menu.asp?menuID=7

- Perdereau, F. & Atger (2004). Avaliação da vinculação no adolescente e adulto. In. N. Guedeney & A. Guedeney (Eds). *Vinculação – Conceitos e aplicações* (pp. 111 – 121). Lisboa: Climepsi.
- Programa Escolhas (2011). *O que é o Programa Escolhas*. Consultado em 20 de Julho de 2011 através de <http://www.programaescolhas.pt/apresentacao>
- RASI (2010). *Relatório Anual de Segurança Interna – 2009*. Consultado em 27 de Março de 2010 através de www.mai.gov.pt/data/actualidades%20destaques/destaques/2010/RASI%202009%20-%20PCM%2025MAR%20%28Versao%20definitiva%29.pdf
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família – Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A., Burgess, K., & Krasnor, L. R. (2004). Attachment, friendship and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 24, (4), 326-356
- Rubin, K., & Fredstrom, B. (2008). Future directions in friendship in childhood and adolescence. *Social Development*, 14, (4), 1085-1096
- Rodrigues, R. (2009). *Contributo ao estudo das relações significativas na delinquência juvenil: estudo exploratório no Inventory of Parent and Peer Attachment*. Dissertação de Mestrado. Não editado.
- Royo, F. (2003). *Família e saúde*. Portugal: Everest Editora.
- Sanches, C. & Gouveia-Pereira, M. (2010). Julgamento de justiça em contexto escolar e comportamento desviante na adolescência. *Análise Psicológica*, (1), 71-84
- Simões, M. (2007). *Comportamentos de risco na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sprinthall, N. & Collins, A. (2008). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: a prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, (7), 349-367
- Van IJzendoorn, M. (2002). Vinculação, moralidade emergente e agressão: para um modelo socioemocional e desenvolvimental do comportamento anti-social. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 267-299). Coimbra: Almedina.

Vitaro, F., Boivin, M., & Bukowski, W. M. (2009). The Role of Friendship and Adolescent Psychosocial Functioning. In Rubin, K.; Bukowsky, W. M.; & Laursen, B. (Eds.), *Handbook of Peer Interactions, Relationships and Groups: Social, Emotional and Personality in Context*. New York: The Guilford Press.

Zimmenrmann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, 8, (8), 83-101

8. Anexos

Anexo A: Termo de Consentimento Informado

Termo de Consentimento Informado

O meu nome é Marta Fernandes Vaz e sou estudante do Curso de Psicologia Aplicada – Área de Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA – IU), em Lisboa.

Estou a realizar um estudo acerca da qualidade das relações em Adolescentes, sob a supervisão da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira.

Venho pedir a sua colaboração para que autorize o seu educando a responder a um questionário, devendo salientar o facto de que a sua participação, embora de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho, é voluntária, não havendo qualquer tipo de penalização se houver recusa, tendo ainda total liberdade de desistir a qualquer momento.

É também importante deixar claro que, neste estudo, o que importa são os dados obtidos no seu conjunto e não individualmente, pelo que a sua identidade será salvaguardada, ou seja, quaisquer dados identificativos serão confidenciais e anónimos.

Obrigado pela sua colaboração.

Eu, _____ ,

Permito que o meu educando participe na investigação

Não permito que o meu educando participe na investigação

Data _____

(Encarregado de Educação)

Anexo B: Inventário da Vinculação para Pais e Pares (IPPA)

Lê com muita atenção as frases que te vou dar e pensa bem até que ponto estão de acordo com o que tu sentes.

Não existem respostas certas ou erradas. O mais importante é que sejas sincero.

E não te preocupes, a tua identidade não será revelada, sendo garantido o anonimato.

Para começar, gostaria que pensasses na relação que tens com a tua **Mãe**. Já pensaste?
 A seguir encontrarás um conjunto de afirmações que dizem respeito à relação com a tua mãe.
 Para cada frase, marca **apenas uma cruz** no quadrado que corresponde àquilo que tu sentes.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. A minha mãe respeita os meus sentimentos					
2. Sinto que a minha mãe funciona bem como mãe					
3. Gostava de ter uma mãe diferente					
4. A minha mãe aceita-me tal como sou					
5. Gosto de saber a opinião da minha mãe acerca das coisas que me dizem respeito					
6. Acho que não vale a pena mostrar o que sinto à minha mãe					
7. A minha mãe percebe bem quando eu estou preocupado com alguma coisa					
8. Falar dos meus problemas com a minha mãe faz-me sentir com vergonha ou palerma					
9. A minha mãe espera demasiado de mim					
10. Aborreço-me depressa quando estou com a minha mãe					
11. Muitas vezes estou preocupado e a minha mãe não sabe de nada					
12. Quando conversamos, a minha mãe presta atenção ao meu ponto de vista					
13. A minha mãe confia na minha maneira de pensar					
14. Como a minha mãe tem lá os problemas dela, eu não a incomodo com os meus					
15. A minha mãe ajuda-me a compreender melhor a mim próprio					
16. Converso com a minha mãe acerca dos meus problemas e aborrecimentos					
17. Sinto-me zangado com a minha mãe					
18. A minha mãe não me dá muita atenção					
19. A minha mãe ajuda-me a falar com ela acerca das minhas dificuldades					
20. A minha mãe compreende-me					
21. Quando estou zangado, a minha mãe é uma pessoa que compreende o que estou a sentir					
22. Tenho confiança na minha mãe					
23. A minha mãe não percebe o que me acontece					
24. Quando preciso de desabafar, conto com a minha mãe					
25. Quando a minha mãe sabe que estou preocupado com alguma coisa, pergunta-me o que é que se passa					

Acabaste de pensar na relação que tens com a tua mãe. Peço-te, agora, que penses na relação que tens com o teu **Pai**. Já pensaste?

A seguir encontrarás um conjunto de afirmações que dizem respeito à relação com o teu pai.

Para cada frase, marca **apenas uma cruz** no quadrado que corresponde àquilo que tu sentes.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. O meu pai respeita os meus sentimentos					
2. Sinto que o meu pai funciona bem como pai					
3. Gostava de ter um pai diferente					
4. O meu pai aceita-me tal como sou					
5. Gosto de saber a opinião do meu pai acerca das coisas que me dizem respeito					
6. Acho que não vale a pena mostrar o que sinto ao meu pai					
7. O meu pai percebe bem quando eu estou preocupado com alguma coisa					
8. Falar dos meus problemas com o meu pai faz-me sentir com vergonha ou palerma					
9. O meu pai espera demasiado de mim					
10. Aborreço-me depressa quando estou com o meu pai					
11. Muitas vezes estou preocupado e o meu pai não sabe de nada					
12. Quando conversamos, o meu pai presta atenção ao meu ponto de vista					
13. O meu pai confia na minha maneira de pensar					
14. Como o meu pai tem lá os problemas dele, eu não o incomodo com os meus					
15. O meu pai ajuda-me a compreender melhor a mim próprio					
16. Converso com o meu pai acerca dos meus problemas e aborrecimentos					
17. Sinto-me zangado com o meu pai					
18. O meu pai não me dá muita atenção					
19. O meu pai ajuda-me a falar com ele acerca das minhas dificuldades					
20. O meu pai compreende-me					
21. Quando estou zangado, o meu pai é uma pessoa que compreende o que estou a sentir					
22. Tenho confiança no meu pai					
23. O meu pai não percebe o que me acontece					
24. Quando preciso de desabafar, conto com o meu pai					
25. Quando o meu pai sabe que estou preocupado com alguma coisa, pergunta-me o que é que se passa					

Peço-te, agora, que penses novamente nos teus **Amigos que pertencem ao grupo que escolheste como o mais importante para ti**. Já pensaste?

A seguir encontrarás um conjunto de afirmações que dizem respeito à relação com os teus amigos. Para cada frase, marca **apenas uma cruz** no quadrado que corresponde àquilo que tu sentes.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Gosto de conhecer as opiniões dos meus amigos					
2. Os meus amigos percebem quando estou aborrecido com alguma coisa					
3. Quando conversamos, os meus amigos tentam perceber o meu ponto de vista					
4. Falar dos meus problemas com os meus amigos faz-me sentir com vergonha ou palerma					
5. Gostava de ter amigos diferentes					
6. Os meus amigos compreendem-me					
7. Os meus amigos encorajam-me a falar das minhas dificuldades					
8. Os meus amigos aceitam-me tal como sou					
9. Sinto necessidade de estar mais com os meus amigos					
10. Os meus amigos não compreendem o que se passa comigo					
11. Quando estou com os meus amigos sinto-me só e à parte deles					
12. Os meus amigos ouvem o que tenho para dizer					
13. Os meus amigos são bons amigos					
14. É fácil conversar com os meus amigos					
15. Quando estou zangado com alguma coisa, os meus amigos tentam compreender-me					
16. Os meus amigos ajudam-me a compreender-me melhor a mim próprio					
17. Os meus amigos preocupam-se com o meu bem-estar					
18. Sinto-me zangado com os meus amigos					
19. Posso contar com os meus amigos quando sinto necessidade de desabafar					
20. Confio nos meus amigos					
21. Os meus amigos respeitam os meus sentimentos					
22. Não demonstro aos meus amigos quando estou aborrecido					
23. Os meus amigos irritam-se comigo por causa de coisinhas sem importância					
24. Posso contar aos meus amigos os meus problemas e chatices					
25. Quando os meus amigos sabem que estou preocupado com alguma coisa, perguntam-me o que é que se passa					

Anexo C: Questionário de Caracterização do Grupo de Pares

1. Tens algum **grupo de amigos**? Sim Não

1.1. Se sim, a qual ou quais dos seguintes grupos pertences?

- a) A um grupo de amigos da turma
- b) A um grupo de colegas da escola
- c) A uma associação de estudantes
- d) A um grupo do bairro
- e) A um grupo de escuteiros
- f) A um grupo desportivo
- g) A um grupo religioso
- h) A um grupo de um partido político
- i) A um grupo de música

2. Pertences a **outro grupo** que não assinalaste em cima? Sim Não

2.1. Se sim, a qual?

3. Se assinalaste mais do que um grupo em cima (incluindo algum que tenhas acrescentado), refere aquele com o qual andas mais/é mais importante para ti.

.....

4. Do grupo que acabaste de indicar, diz-me o quanto ele é importante para ti, assinalando um X no quadrado que corresponde à tua opinião.

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Importante	Bastante importante	Muitíssimo importante

Anexo D: Escala de Desvio e Delinquência

Agora gostaria que lesse alguns comportamentos que os jovens da tua idade costumam ter.

Pensa nos teus comportamentos no **último ano** e para cada frase marca **apenas uma cruz** no quadrado que corresponde à alternativa que consideras mais verdadeira. E se no último ano tiveste alguns dos comportamentos que se seguem, marca ainda uma cruz no quadrado que corresponde a se o fizeste sozinho ou acompanhado pelo teu grupo de amigos.

	Frequência dos comportamentos					Comportamento realizado sozinho	Comportamento realizado com o grupo de amigos
	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre		
1. Mentir, desobedecer ou responder mal a adultos (ex: pais, professores, etc.)							
2. Andar à luta com colegas ou entre grupos							
3. Faltar às aulas para ficar com colegas ou amigos, ou para ir dar uma volta							
4. Roubar alguma coisa que valha menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)							
5. Fazer graffitis em edifícios ou outros locais (ex: na escola, em paragens, nos transportes, em muros, em portas, etc.)							
6. Usar uma mota ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono/proprietário							
7. Ameaçar, bater e/ou ferir uma pessoa (ex: colega, professor, familiar, etc.)							
8. Assaltar um carro, casa, loja, escola ou outro edifício							
9. Roubar alguma coisa que valha entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)							
10. Beber bebidas alcoólicas com amigos							
11. Consumir haxixe ou marijuana							
12. Transportar uma arma (ex: canivete, navalha, pistola)							
13. Usar algum tipo de arma (ex: canivete, navalha, pistola) em lutas ou assaltos							
14. Sair de casa e passar a noite fora sem os pais saberem onde							
15. Gozar com um professor à frente dele e de outros alunos							
16. Vender droga (ex: haxixe, marijuana, heroína, cocaína, etc.)							

17. Estragar ou destruir coisas que não te pertençam (ex: cadeiras, mesas, cabines telefónicas, parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, furar pneus, partir vidros, etc.)								
18. Andar em transportes públicos sem pagar bilhete								
19. Conduzir uma mota ou um carro sem ter carta de condução, ou andar (de mota ou de carro) com um amigo que não tenha carta de condução								
20. Mentir acerca da idade para poder entrar em determinados sítios (ex: num bar, numa discoteca, no cinema, num salão de jogos, etc.), ou para obter benefícios monetários								

Anexo E: Questionário de Caracterização da Amostra

A. Dados pessoais:

1. Idade:
2. Origem étnica:
Caucasiana (Branca) Africana Asiática Cigana Outra Qual?.....
3. Nacionalidade:

B. Situação Escolar:

1. Frequentas a Escola? Sim Não Se sim, que ano estás a frequentar?
2. Já reprovaste alguma vez? Sim Não Se sim, quantas vezes?
3. Se não frequentas a escola, o que fazes de momento?
4. Quais são as tuas habilitações literárias completas?

C. Dados Familiares:

1. Tens irmãos? Sim Não Se sim, quantos?
Idades:
M F M F M F M F M F M F
2. Com quem é que vives?
3. Mãe: Idade:
Habilitações Literárias:
Profissão

4. Pai: Idade:
Habilitações Literárias:
Profissão

D. Dados Sócio-Demográficos:

1. Resides em Bairro Social? Sim Não

2. Gostas de viver no sítio onde moras? Sim Não

Porquê?
.....
.....

3. Praticas alguma actividade ocupacional ou de tempos livres? Sim Não

Se sim, qual ou quais?

4. Já alguma vez foste detido pela polícia? Sim Não

Se sim, porquê?
.....
.....

Obrigado pela tua participação!

Anexo F – Caracterização da amostra

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	125	13	18	16,06	1,366
Valid N (listwise)	125				

Etnia

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Causasiana	82	65,6	65,6	65,6
Africana	20	16,0	16,0	81,6
Cigana	17	13,6	13,6	95,2
Outra	6	4,8	4,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Nacionalidade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Portuguesa	105	84,0	84,0	84,0
Brasileira	5	4,0	4,0	88,0
Angolana	2	1,6	1,6	89,6
Guineense	4	3,2	3,2	92,8
Cabo Verdeana	4	3,2	3,2	96,0
Romena	3	2,4	2,4	98,4
Indiana	2	1,6	1,6	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Frequenta a escola?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	7	5,6	5,6	5,6
Sim	118	94,4	94,4	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Se sim, que ano estas a frequentar?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não frequenta	7	5,6	5,6	5,6
5.º ano	5	4,0	4,0	9,6
6.º ano	17	13,6	13,6	23,2
6.º ano curso	31	24,8	24,8	48,0
7.º ano	2	1,6	1,6	49,6
8.º ano	4	3,2	3,2	52,8
9.º ano	4	3,2	3,2	56,0
9.º ano curso	35	28,0	28,0	84,0
4º Ano	2	1,6	1,6	85,6
10ºano	6	4,8	4,8	90,4
11ºano	5	4,0	4,0	94,4
12º ano	7	5,6	5,6	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Já reprovaste?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	16	12,8	12,8	12,8
Sim	109	87,2	87,2	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Reprov_vezes	125	0	6	2,93	1,733
Valid N (listwise)	125				

Reprov_vezes

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	16	12,8	12,8	12,8
1	10	8,0	8,0	20,8
2	21	16,8	16,8	37,6
3	32	25,6	25,6	63,2
4	22	17,6	17,6	80,8
5	14	11,2	11,2	92,0
6	10	8,0	8,0	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Habilit_literarias

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhum	3	2,4	2,4	2,4
	1.º Ciclo	60	48,0	48,0	50,4
	2.º Ciclo	44	35,2	35,2	85,6
	3.º Ciclo	18	14,4	14,4	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Irmãos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	10	8,0	8,0	8,0
	Sim	115	92,0	92,0	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Nº_irmãos_total	125	0	16	2,98	2,589
Valid N (listwise)	125				

Nº_irmãos_total

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	10	8,0	8,0	8,0
	1	30	24,0	24,0	32,0
	2	30	24,0	24,0	56,0
	3	14	11,2	11,2	67,2
	4	14	11,2	11,2	78,4
	5	11	8,8	8,8	87,2
	6	6	4,8	4,8	92,0
	7	4	3,2	3,2	95,2
	8	1	,8	,8	96,0
	9	2	1,6	1,6	97,6
	10	1	,8	,8	98,4
	13	1	,8	,8	99,2
	16	1	,8	,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Lugar_frateria

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tem irmãos	10	8,0	8,0	8,0
	Mais novo	26	20,8	20,8	28,8
	Meio	53	42,4	42,4	71,2
	Mais Velho	36	28,8	28,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Com_quem_vive

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pais	11	8,8	8,8	8,8
	Pais e irmãos	46	36,8	36,8	45,6
	Mãe e irmãos	31	24,8	24,8	70,4
	Pai e irmãos	1	,8	,8	71,2
	Avós	3	2,4	2,4	73,6
	Avós e irmãos	5	4,0	4,0	77,6
	Instituição	1	,8	,8	78,4
	Outros cuidadores	3	2,4	2,4	80,8
	Pai	7	5,6	5,6	86,4
	Mãe	16	12,8	12,8	99,2
	Sozinho	1	,8	,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade da mãe	125	30	58	40,94	6,022
Idade do pai	125	30	64	44,18	7,368
Valid N (listwise)	125				

Profissão da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Desempregada	13	10,4	10,4	10,4
Vendedor ambulante	13	10,4	10,4	20,8
Empregada de balcão	13	10,4	10,4	31,2
Cozinheira/ajudante cozinha	11	8,8	8,8	40,0
Doméstica/limpezas	35	28,0	28,0	68,0
Empresária/com negócio próprio	11	8,8	8,8	76,8
Secretária/administrativa	6	4,8	4,8	81,6
Não respondeu	14	11,2	11,2	92,8
Área da educação	9	7,2	7,2	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Habilitações da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nenhum	3	2,4	2,4	2,4
Ensino Primário	47	37,6	37,6	40,0
Ensino Básico	29	23,2	23,2	63,2
Ensino Preparatório	23	18,4	18,4	81,6
Ensino Secundário	14	11,2	11,2	92,8
Curso Médio-Superior	9	7,2	7,2	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Profissão do pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Desempregado	14	11,2	11,2	11,2
	Vendedor ambulante	15	12,0	12,0	23,2
	Construção civil	14	11,2	11,2	34,4
	Actor	1	,8	,8	35,2
	Socateiro	2	1,6	1,6	36,8
	Limpezas	1	,8	,8	37,6
	Cozinheiro	7	5,6	5,6	43,2
	mecânico	7	5,6	5,6	48,8
	Não respondeu	30	24,0	24,0	72,8
	Empresário/com negócio próprio	10	8,0	8,0	80,8
	Pescador	2	1,6	1,6	82,4
	Motorista/distribuidor	7	5,6	5,6	88,0
	Electricista	4	3,2	3,2	91,2
	Polícia	4	3,2	3,2	94,4
	Reformado	6	4,8	4,8	99,2
	Professor	1	,8	,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Habilitações do pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhum	2	1,6	1,6	1,6
	Ensino Primário	43	34,4	34,4	36,0
	Ensino Básico	27	21,6	21,6	57,6
	Ensino Preparatório	30	24,0	24,0	81,6
	Ensino Secundário	9	7,2	7,2	88,8
	Curso Médio - Superior	14	11,2	11,2	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Resides num bairro social?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	29	23,2	23,2	23,2
	Sim	96	76,8	76,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Gostas do sitio onde moras?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	10	8,0	8,0	8,0
	Sim	115	92,0	92,0	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Porque gostas de viver nesse sitio?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não gosta	11	8,8	8,8	8,8
	Familia	4	3,2	3,2	12,0
	Amigos	33	26,4	26,4	38,4
	Local crescimento	17	13,6	13,6	52,0
	Reputação do bairro	10	8,0	8,0	60,0
	Não respondeu	20	16,0	16,0	76,0
	Zona Calma/Bom ambiente	25	20,0	20,0	96,0
	Familia e amigos	5	4,0	4,0	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Pratica alguma actividade?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	50	40,0	40,0	40,0
	Sim	75	60,0	60,0	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Se sim, qual?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não pratica	50	40,0	40,0	40,0
	Desporto	66	52,8	52,8	92,8
	Outra	9	7,2	7,2	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Já foste detido?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	68	54,4	54,4	54,4
	Sim	57	45,6	45,6	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Se sim, porque?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca foi detido	68	54,4	54,4	54,4
Roubo	7	5,6	5,6	60,0
Posse droga	5	4,0	4,0	64,0
Trafico de droga	1	,8	,8	64,8
Posse arma	2	1,6	1,6	66,4
Agressão	7	5,6	5,6	72,0
Condução ilegal	3	2,4	2,4	74,4
Não respondeu	11	8,8	8,8	83,2
Posse de arma e droga	2	1,6	1,6	84,8
Roubo e agressão	2	1,6	1,6	86,4
Desacato à autoridade/sem documentação/vandalismo	17	13,6	13,6	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Anexo G – Caracterização do grupo de pares dos sujeitos da amostra

Grupo_escolhido

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Colegas turma	12	9,6	9,6	9,6
	Colegas escola	8	6,4	6,4	16,0
	Amigos escola	17	13,6	13,6	29,6
	Grupo bairro	78	62,4	62,4	92,0
	Grupo desporto	8	6,4	6,4	98,4
	Grupo musica	2	1,6	1,6	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Grupo_importancia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada importante	3	2,4	2,4	2,4
	Pouco importante	6	4,8	4,8	7,2
	Importante	30	24,0	24,0	31,2
	Bastante importante	27	21,6	21,6	52,8
	Muitissimo importante	59	47,2	47,2	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

Anexo H – Actos praticados pelos sujeitos da amostra sozinhos e em grupo

QD.1.1

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	17	13,6	13,6	13,6
Comport. realizado sozinho	49	39,2	39,2	52,8
Comport. realizado amigos	59	47,2	47,2	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.2

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	33	26,4	26,4	26,4
Comport. realizado sozinho	20	16,0	16,0	42,4
Comport. realizado amigos	71	56,8	56,8	99,2
9	1	,8	,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.3

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	27	21,6	21,6	21,6
Comport. realizado sozinho	17	13,6	13,6	35,2
Comport. realizado amigos	81	64,8	64,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.4

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	86	68,8	68,8	68,8
Comport. realizado sozinho	8	6,4	6,4	75,2
Comport. realizado amigos	31	24,8	24,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.5

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	81	64,8	64,8	64,8
Comport. realizado sozinho	7	5,6	5,6	70,4
Comport. realizado amigos	37	29,6	29,6	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.6

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	87	69,6	69,6	69,6
	Comport. realizado sozinho	8	6,4	6,4	76,0
	Comport. realizado amigos	30	24,0	24,0	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.7

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	64	51,2	51,2	51,2
	Comport. realizado sozinho	27	21,6	21,6	72,8
	Comport. realizado amigos	34	27,2	27,2	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.8

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	102	81,6	81,6	81,6
	Comport. realizado sozinho	5	4,0	4,0	85,6
	Comport. realizado amigos	17	13,6	13,6	99,2
	21	1	,8	,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.9

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	97	77,6	77,6	77,6
	Comport. realizado sozinho	9	7,2	7,2	84,8
	Comport. realizado amigos	19	15,2	15,2	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.10

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	32	25,6	25,6	25,6
	Comport. realizado sozinho	4	3,2	3,2	28,8
	Comport. realizado amigos	88	70,4	70,4	99,2
	3	1	,8	,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.11

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	82	65,6	65,6	65,6
	Comport. realizado sozinho	5	4,0	4,0	69,6
	Comport. realizado amigos	38	30,4	30,4	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.12

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	67	53,6	53,6	53,6
	Comport. realizado sozinho	31	24,8	24,8	78,4
	Comport. realizado amigos	27	21,6	21,6	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.13

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	92	73,6	73,6	73,6
	Comport. realizado sozinho	11	8,8	8,8	82,4
	Comport. realizado amigos	22	17,6	17,6	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.14

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	75	60,0	60,0	60,0
	Comport. realizado sozinho	9	7,2	7,2	67,2
	Comport. realizado amigos	41	32,8	32,8	100,0
	Total	125	100,0	100,0	

QD.1.15

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca realizou	57	45,6	46,0	46,0
	Comport. realizado sozinho	17	13,6	13,7	59,7
	Comport. realizado amigos	50	40,0	40,3	100,0
	Total	124	99,2	100,0	
Missing	System	1	,8		
Total		125	100,0		

QD.1.16

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	106	84,8	84,8	84,8
Comport. realizado sozinho	8	6,4	6,4	91,2
Comport. realizado amigos	11	8,8	8,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.17

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	71	56,8	56,8	56,8
Comport. realizado sozinho	8	6,4	6,4	63,2
Comport. realizado amigos	46	36,8	36,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.18

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	22	17,6	17,6	17,6
Comport. realizado sozinho	28	22,4	22,4	40,0
Comport. realizado amigos	74	59,2	59,2	99,2
3	1	,8	,8	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.19

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	71	56,8	56,8	56,8
Comport. realizado sozinho	11	8,8	8,8	65,6
Comport. realizado amigos	43	34,4	34,4	100,0
Total	125	100,0	100,0	

QD.1.20

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca realizou	73	58,4	58,4	58,4
Comport. realizado sozinho	5	4,0	4,0	62,4
Comport. realizado amigos	47	37,6	37,6	100,0
Total	125	100,0	100,0	

Anexo I – Consistência interna das escalas – *alpha* de Cronbach

Questionário Vinculação Mãe (QVM)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,860	24

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVM.1	85,76	184,490	,637	,848
QVM.2	85,52	188,058	,612	,850
QVM.3	85,52	190,429	,460	,854
QVM.4	85,82	193,130	,271	,859
QVM.5	86,31	188,184	,401	,855
QVM.6	86,86	196,076	,150	,865
QVM.7	86,09	188,694	,413	,855
QVM.9	86,61	196,805	,160	,863
QVM.10	86,21	190,247	,379	,856
QVM.11	87,07	199,229	,098	,865
QVM.12	86,14	186,189	,538	,851
QVM.13	86,16	182,942	,645	,847
QVM.14	87,40	200,387	,054	,867
QVM.15	86,61	179,224	,647	,846
QVM.16	87,03	180,983	,549	,850
QVM.17	85,97	192,209	,437	,854
QVM.18	86,54	192,138	,239	,862
QVM.19	86,68	180,913	,625	,847
QVM.20	86,03	182,176	,671	,847
QVM.21	86,40	181,855	,607	,848
QVM.22	85,68	186,235	,592	,850
QVM.23	86,79	197,150	,161	,863
QVM.24	87,17	179,947	,561	,849
QVM.25	85,84	189,603	,463	,853

Questionário Vinculação Mãe – Subescala Confiança

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,835	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVM.1	36,98	40,620	,704	,804
QVM.2	36,74	42,954	,636	,813
QVM.3	36,74	44,147	,466	,826
QVM.4	37,04	44,394	,323	,842
QVM.9	37,82	47,695	,116	,863
QVM.12	37,36	41,942	,553	,818
QVM.13	37,38	40,253	,677	,805
QVM.20	37,25	39,640	,725	,800
QVM.21	37,62	40,642	,565	,816
QVM.22	36,90	41,352	,667	,808

Questionário Vinculação Mãe – Subescala Comunicação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,718	9

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVM.5	27,10	36,249	,355	,700
QVM.6	27,64	40,345	,060	,755
QVM.7	26,87	36,516	,369	,698
QVM.14	28,18	40,216	,091	,745
QVM.15	27,39	32,708	,589	,656
QVM.16	27,82	31,829	,596	,651
QVM.19	27,46	33,057	,595	,656
QVM.24	27,95	31,723	,583	,654
QVM.25	26,62	37,543	,375	,698

Questionário Vinculação Mãe – Subescala Alienação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,521	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVM.10	14,02	10,032	,180	,529
QVM.11	14,88	9,187	,281	,470
QVM.17	13,78	9,643	,410	,416
QVM.18	14,34	8,034	,307	,458
QVM.23	14,60	9,016	,315	,448

Questionário Vinculação Pai (QVP)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,916	25

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVP.1	84,36	342,506	,734	,909
QVP.2	84,34	339,822	,736	,909
QVP.3	84,25	344,091	,591	,911
QVP.4	84,18	354,533	,459	,913
QVP.5	84,74	351,131	,461	,914
QVP.6	85,37	353,783	,358	,916
QVP.7	84,87	342,483	,596	,911
QVP.8	85,35	359,617	,266	,917
QVP.9	85,05	363,901	,194	,919
QVP.10	84,78	351,078	,422	,914
QVP.11	85,64	354,813	,401	,915
QVP.12	84,74	345,644	,591	,911
QVP.13	84,70	344,968	,672	,910
QVP.14	85,85	361,969	,230	,918
QVP.15	85,06	342,602	,647	,910
QVP.16	85,78	346,191	,554	,912
QVP.17	84,63	345,396	,638	,910
QVP.18	85,22	347,724	,484	,913
QVP.19	85,18	342,114	,670	,910
QVP.20	84,67	340,513	,730	,909
QVP.21	85,02	336,822	,744	,908
QVP.22	84,25	345,204	,665	,910
QVP.23	85,33	363,771	,230	,917
QVP.24	85,70	339,807	,611	,911
QVP.25	84,86	341,102	,647	,910

Questionário Vinculação Pai – Subescala Confiança

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,877	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVP.1	35,27	62,958	,733	,855
QVP.2	35,25	61,656	,742	,854
QVP.3	35,16	64,490	,534	,870
QVP.4	35,09	66,613	,532	,870
QVP.9	35,96	71,732	,190	,897
QVP.12	35,66	64,421	,573	,867
QVP.13	35,62	64,126	,661	,861
QVP.20	35,58	62,067	,729	,855
QVP.21	35,93	60,761	,727	,854
QVP.22	35,16	63,894	,673	,860

Questionário Vinculação Pai – Subescala Comunicação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,796	9

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVP.5	25,30	50,487	,449	,781
QVP.6	25,94	54,254	,199	,815
QVP.7	25,44	47,345	,581	,763
QVP.14	26,42	55,342	,171	,816
QVP.15	25,62	48,220	,591	,763
QVP.16	26,34	47,598	,606	,760
QVP.19	25,74	47,918	,623	,759
QVP.24	26,27	45,942	,616	,757
QVP.25	25,43	47,344	,608	,760

Questionário Vinculação Pai – Subescala Alienação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,662	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVP.8	16,88	18,510	,355	,634
QVP.10	16,30	17,552	,438	,602
QVP.11	17,17	18,722	,406	,615
QVP.17	16,16	17,490	,581	,557
QVP.18	16,75	18,382	,360	,632
QVP.23	16,86	20,802	,234	,670

Questionário Vinculação Pares (QVA)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,840	22

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVA.2	81,60	132,935	,403	,833
QVA.3	81,70	131,697	,425	,832
QVA.4	81,52	134,316	,256	,841
QVA.5	81,58	132,956	,275	,840
QVA.6	81,54	128,653	,585	,826
QVA.7	81,77	129,793	,441	,831
QVA.8	80,82	135,006	,388	,834
QVA.10	82,06	137,383	,195	,842
QVA.11	81,56	137,765	,136	,847
QVA.12	81,10	130,771	,553	,828
QVA.13	80,91	133,662	,517	,830
QVA.14	81,12	129,252	,610	,825
QVA.15	81,48	127,235	,630	,824
QVA.17	81,50	126,091	,660	,822
QVA.18	81,37	135,670	,299	,837
QVA.19	81,43	129,699	,533	,828
QVA.20	81,09	130,984	,557	,828
QVA.21	81,34	130,918	,557	,828
QVA.22	82,41	142,873	,001	,850
QVA.23	81,58	136,116	,235	,840
QVA.24	81,48	129,542	,496	,829
QVA.25	81,27	132,490	,495	,830

Questionário Vinculação Pares – Subescala Confiança

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,815	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVA.5	37,26	37,051	,180	,846
QVA.6	37,23	33,970	,567	,790
QVA.8	36,50	36,784	,415	,806
QVA.12	36,79	35,166	,528	,795
QVA.13	36,60	36,097	,556	,794
QVA.14	36,81	33,769	,643	,783
QVA.15	37,17	32,883	,645	,781
QVA.19	37,12	34,816	,485	,799
QVA.20	36,78	35,014	,557	,792
QVA.21	37,02	34,846	,569	,791

Questionário Vinculação Pares – Subescala Comunicação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,762	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVA.2	19,01	15,653	,529	,721
QVA.3	19,10	16,029	,441	,743
QVA.7	19,18	14,904	,495	,731
QVA.17	18,90	15,378	,533	,719
QVA.24	18,89	15,439	,495	,729
QVA.25	18,68	16,284	,549	,719

Questionário Vinculação Pares – Subescala Alienação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,499	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QVA.4	17,74	12,857	,159	,507
QVA.10	18,28	12,026	,337	,411
QVA.11	17,78	12,578	,167	,506
QVA.18	17,58	12,148	,398	,390
QVA.22	18,62	13,091	,201	,480
QVA.23	17,80	12,081	,319	,420

Escala de Desvio e Delinquência (QD)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,863	20

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QD.1	36,77	190,905	,490	,856
QD.2	36,93	190,035	,429	,858
QD.3	36,82	195,033	,289	,862
QD.4	37,71	186,384	,580	,853
QD.5	37,64	185,442	,638	,852
QD.6	37,74	181,986	,751	,848
QD.7	37,15	169,840	,322	,885
QD.8	37,86	185,979	,491	,855
QD.9	37,86	184,941	,702	,850
QD.10	36,62	190,367	,370	,860
QD.11	37,38	184,946	,401	,860
QD.12	37,42	183,295	,606	,851
QD.13	37,78	183,961	,551	,853
QD.14	37,50	185,929	,542	,854
QD.15	37,33	186,932	,502	,855
QD.16	38,10	192,023	,622	,855
QD.17	37,62	187,480	,578	,854
QD.18	36,36	193,765	,271	,863
QD.19	37,40	185,952	,496	,855
QD.20	37,55	190,265	,430	,858

Anexo J – Análise descritiva dos dados das escalas

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
QD_total	125	1,05	4,60	1,9672	,71671
QVM_total	125	2,08	4,92	3,7540	,59534
QVMconfiança_total	125	1,50	5,00	4,1312	,71667
QVMcomunicação_total	125	1,56	5,00	3,4311	,73277
QVMalienação_total	125	1,00	4,20	2,4192	,71591
QVP_total	125	1,60	4,92	3,5654	,70808
QVPconfiança_total	125	1,40	5,00	3,9728	,81025
QVPcomunicação__total	125	1,00	5,00	3,7427	,97217
QVPalienação__total	125	1,00	4,67	2,6467	,78762
QVA_total	125	2,41	4,95	3,8793	,54613
QVAconfiança_total	125	2,00	5,00	4,1032	,65105
QVAcomunicação__total	125	1,67	5,00	3,7920	,77212
QVAalienação__total	125	1,00	4,67	2,4067	,67315
Valid N (listwise)	125				

Anexo L – Correlação entre as escalas e subescalas da Vinculação e escala da Delinquência

Correlations

	QML_total	QVMonifiança_total	QVMcomunicapao_total	QVMalienacao_total	QVP_total	QVPconfiança_total	QVPcomunica_pao_total	QVPalienacao_total	QVA_total	QVMonifiança_total	QVcomunica_pao_total	QVMalienacao_total
QML_total	1	,888**	,897**	-,560**	,419**	,423**	,374**	-,162	,166	,213**	,146	,015
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,072	,064	,017	,105	,864
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVMonifiança_total	,888**	1	,666**	-,280**	,347**	,434**	,325**	-,001	,249**	,338**	,232**	,070
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)			,000	,002	,000	,000	,000	,991	,005	,000	,009	,437
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVMcomunicapao_total	,897**	,666**	1	-,365**	,413**	,389**	,382**	-,095	,106	,127	,152	,066
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)				,000	,000	,000	,000	,291	,241	,157	,090	,465
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVMalienacao_total	-,560**	-,280**	-,365**	1	-,215**	-,101	-,139	,467**	,028	,060	,163	,200**
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)					,016	,260	,121	,000	,753	,503	,069	,025
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVP_total	,419**	,347**	,413**	-,215**	1	,925**	,898**	-,713**	,021	,068	-,037	,006
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)						,000	,000	,000	,816	,449	,684	,951
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVPconfiança_total	,423**	,434**	,389**	-,101	,925**	1	,863**	-,487**	,004	,089	-,018	,110
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)							,000	,000	,962	,324	,843	,221
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVPcomunica_pao_total	,374**	,325**	,382**	-,139	,898**	,863**	1	-,534**	-,089	-,038	-,089	,132
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)								,000	,272	,678	,326	,141
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVPalienacao_total	-,162	-,001	-,095	,467**	-,713**	-,487**	-,534**	1	-,021	,007	,172	,270**
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)									,817	,941	,055	,002
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVA_total	,166	,249**	,106	,028	,021	,004	-,099	-,021	1	,932**	,821**	-,531**
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)		,005	,241	,753	,816	,962	,272	,817		,000	,000	,000
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVMonifiança_total	,213**	,338**	,127	,060	,068	,089	-,038	,007	,932**	1	,751**	-,298**
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)			,157	,503	,449	,324	,678	,941	,000	,000	,000	,001
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVcomunica_pao_total	,146	,232**	,152	,163	-,037	-,018	-,089	,172	,821**	,751**	1	-,086
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)		,009	,090	,069	,684	,843	,326	,055	,000	,000	,000	,338
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125
QVMalienacao_total	,015	,070	,066	,200**	,006	,110	,132	,270**	-,531**	-,298**	-,086	1
Pearson Correlation												
Sig. (2-tailed)		,864	,465	,025	,951	,221	,141	,002	,000	,001	,338	,001
N	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125	125

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
 * . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlations

		QD_total	QVM_total	QVMconfiança_total	QVMcomunicação_total	QVMalienação_total
QD_total	Pearson Correlation	1	-,281**	-,210*	-,240**	,261**
	Sig. (2-tailed)		,001	,019	,007	,003
	N	125	125	125	125	125
QVM_total	Pearson Correlation	-,281**	1	,888**	,897**	-,560**
	Sig. (2-tailed)	,001		,000	,000	,000
	N	125	125	125	125	125
QVMconfiança_total	Pearson Correlation	-,210*	,888**	1	,686**	-,280**
	Sig. (2-tailed)	,019	,000		,000	,002
	N	125	125	125	125	125
QVMcomunicação_total	Pearson Correlation	-,240**	,897**	,686**	1	-,365**
	Sig. (2-tailed)	,007	,000	,000		,000
	N	125	125	125	125	125
QVMalienação_total	Pearson Correlation	,261**	-,560**	-,280**	-,365**	1
	Sig. (2-tailed)	,003	,000	,002	,000	
	N	125	125	125	125	125

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlations

		QD_total	QVP_total	QVPconfiança_total	QVPcomunicação_total	QVPalienação_total
QD_total	Pearson Correlation	1	-,296**	-,211*	-,190*	,343**
	Sig. (2-tailed)		,001	,018	,034	,000
	N	125	125	125	125	125
QVP_total	Pearson Correlation	-,296**	1	,925**	,898**	-,713**
	Sig. (2-tailed)	,001		,000	,000	,000
	N	125	125	125	125	125
QVPconfiança_total	Pearson Correlation	-,211*	,925**	1	,863**	-,487**
	Sig. (2-tailed)	,018	,000		,000	,000
	N	125	125	125	125	125
QVPcomunicação_total	Pearson Correlation	-,190*	,898**	,863**	1	-,534**
	Sig. (2-tailed)	,034	,000	,000		,000
	N	125	125	125	125	125
QVPalienação_total	Pearson Correlation	,343**	-,713**	-,487**	-,534**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	125	125	125	125	125

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlations

		QD_total	QVA_total	QVAconfiança_total	QVAcomunicação_total	QVAalienação_total
QD_total	Pearson Correlation	1	-,198*	-,206*	,020	,259**
	Sig. (2-tailed)		,027	,021	,825	,004
	N	125	125	125	125	125
QVA_total	Pearson Correlation	-,198*	1	,932**	,790**	-,531**
	Sig. (2-tailed)	,027		,000	,000	,000
	N	125	125	125	125	125
QVAconfiança_total	Pearson Correlation	-,206*	,932**	1	,723**	-,298**
	Sig. (2-tailed)	,021	,000		,000	,001
	N	125	125	125	125	125
QVAcomunicação_total	Pearson Correlation	,020	,790**	,723**	1	-,070
	Sig. (2-tailed)	,825	,000	,000		,440
	N	125	125	125	125	125
QVAalienação_total	Pearson Correlation	,259**	-,531**	-,298**	-,070	1
	Sig. (2-tailed)	,004	,000	,001	,440	
	N	125	125	125	125	125

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
 **. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo M – Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação à Mãe e a escala da Delinquência

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	QVMalienação_total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).

a. Dependent Variable: QD_total

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,261 ^a	,068	,061	,69464	1,804

a. Predictors: (Constant), QVMalienação_total

b. Dependent Variable: QD_total

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	4,346	1	4,346	9,006	,003 ^a
	Residual	59,350	123	,483		
	Total	63,696	124			

a. Predictors: (Constant), QVMalienação_total

b. Dependent Variable: QD_total

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	1,335	,220		6,073	,000		
	QVMalienação_total	,261	,087	,261	3,001	,003	1,000	1,000

a. Dependent Variable: QD_total

Excluded Variables^b

Model		Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics		
						Tolerance	VIF	Minimum Tolerance
1	QVMconfiança_total	-,148 ^a	-1,649	,102	-,148	,921	1,085	,921
	QVMcomunicação_total	-,166 ^a	-1,797	,075	-,161	,866	1,154	,866

a. Predictors in the Model: (Constant), QVMalienação_total

b. Dependent Variable: QD_total

Anexo N – Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação ao Pai e a escala da Delinquência

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	QVPalienação__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).

a. Dependent Variable: QD_total

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,343 ^a	,117	,110	,67609	1,813

a. Predictors: (Constant), QVPalienação__total

b. Dependent Variable: QD_total

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	7,473	1	7,473	16,350	,000 ^a
	Residual	56,222	123	,457		
	Total	63,696	124			

a. Predictors: (Constant), QVPalienação__total

b. Dependent Variable: QD_total

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	1,142	,213		5,368	,000		
	QVPalienação__total	,312	,077	,343	4,043	,000	1,000	1,000

a. Dependent Variable: QD_total

Excluded Variables^b

Model		Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics		
						Tolerance	VIF	Minimum Tolerance
1	QVPconfiança__total	-,058 ^a	-,593	,555	-,054	,762	1,312	,762
	QVPcomunicação__total	-,010 ^a	-,101	,920	-,009	,715	1,398	,715

a. Predictors in the Model: (Constant), QVPalienação__total

b. Dependent Variable: QD_total

Anexo O – Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação aos Pares e a escala da Delinquência

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	QVAalienação__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).

a. Dependent Variable: QD_total

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,259 ^a	,067	,059	,69512	1,822

a. Predictors: (Constant), QVAalienação__total

b. Dependent Variable: QD_total

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	4,262	1	4,262	8,821	,004 ^a
	Residual	59,433	123	,483		
	Total	63,696	124			

a. Predictors: (Constant), QVAalienação__total

b. Dependent Variable: QD_total

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	1,304	,232		5,630	,000		
	QVAalienação__total	,275	,093	,259	2,970	,004	1,000	1,000

a. Dependent Variable: QD_total

Excluded Variables^b

Model		Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics		
						Tolerance	VIF	Minimum Tolerance
1	QVAconfiança__total	-,141 ^a	-1,557	,122	-,140	,911	1,098	,911

a. Predictors in the Model: (Constant), QVAalienação__total

b. Dependent Variable: QD_total

Anexo P – Análise de regressão múltipla entre as dimensões da escala da Vinculação às Figuras Parentais e a escala da Delinquência

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	QVPalienação__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).
2	QVMconfiança__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).

a. Dependent Variable: QD_total

Model Summary^c

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,343 ^a	,117	,110	,67609	
2	,402 ^b	,161	,148	,66173	1,749

a. Predictors: (Constant), QVPalienação__total

b. Predictors: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total

c. Dependent Variable: QD_total

ANOVA^c

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	7,473	1	7,473	16,350	,000 ^a
	Residual	56,222	123	,457		
	Total	63,696	124			
2	Regression	10,274	2	5,137	11,731	,000 ^b
	Residual	53,422	122	,438		
	Total	63,696	124			

a. Predictors: (Constant), QVPalienação__total

b. Predictors: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total

c. Dependent Variable: QD_total

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	1,142	,213		5,368	,000		
	QVPalienação__total	,312	,077	,343	4,043	,000	1,000	1,000
2	(Constant)	2,009	,401		5,009	,000		
	QVPalienação__total	,311	,075	,342	4,129	,000	1,000	1,000
	QVMconfiança__total	-,210	,083	-,210	-2,529	,013	1,000	1,000

a. Dependent Variable: QD_total

Excluded Variables^c

Model		Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics		
						Tolerance	VIF	Minimum Tolerance
1	QVMconfiança__total	-,210 ^a	-2,529	,013	-,223	1,000	1,000	1,000
	QVMcomunicação__total	-,209 ^a	-2,508	,013	-,221	,991	1,009	,991
	QVMalienação__total	,129 ^a	1,354	,178	,122	,782	1,280	,782
	QVPconfiança__total	-,058 ^a	-,593	,555	-,054	,762	1,312	,762
	QVPcomunicação__total	-,010 ^a	-,101	,920	-,009	,715	1,398	,715
2	QVMcomunicação__total	-,122 ^b	-1,058	,292	-,096	,520	1,921	,520
	QVMalienação__total	,060 ^b	,608	,544	,055	,703	1,422	,703
	QVPconfiança__total	,082 ^b	,745	,458	,068	,575	1,740	,575
	QVPcomunicação__total	,100 ^b	,938	,350	,085	,610	1,640	,610

a. Predictors in the Model: (Constant), QVPalienação__total

b. Predictors in the Model: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total

c. Dependent Variable: QD_total

Anexo Q - Análise de regressão múltipla entre as dimensões estatisticamente significativas das escalas da Vinculação a Figuras Parentais e Pares e a escala da Delinquência

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	QVPalienação__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).
2	QVMconfiança__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).
3	QVAalienação__total	.	Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).

a. Dependent Variable: QD_total

Model Summary^d

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,343 ^a	,117	,110	,67609	
2	,402 ^b	,161	,148	,66173	
3	,444 ^c	,197	,177	,65023	1,793

a. Predictors: (Constant), QVPalienação__total

b. Predictors: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total

c. Predictors: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total, QVAalienação__total

d. Dependent Variable: QD_total

ANOVA^d

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	7,473	1	7,473	16,350	,000 ^a
	Residual	56,222	123	,457		
	Total	63,696	124			
2	Regression	10,274	2	5,137	11,731	,000 ^b
	Residual	53,422	122	,438		
	Total	63,696	124			
3	Regression	12,537	3	4,179	9,884	,000 ^c
	Residual	51,158	121	,423		
	Total	63,696	124			

a. Predictors: (Constant), QVPalienação__total

b. Predictors: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total

c. Predictors: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total, QVAalienação__total

d. Dependent Variable: QD__total

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1	(Constant)	1,142	,213		5,368	,000		
	QVPalienação__total	,312	,077	,343	4,043	,000	1,000	1,000
2	(Constant)	2,009	,401		5,009	,000		
	QVPalienação__total	,311	,075	,342	4,129	,000	1,000	1,000
	QVMconfiança__total	-,210	,083	-,210	-2,529	,013	1,000	1,000
3	(Constant)	1,691	,417		4,051	,000		
	QVPalienação__total	,263	,077	,289	3,419	,001	,927	1,079
	QVMconfiança__total	-,224	,082	-,224	-2,736	,007	,995	1,005
	QVAalienação__total	,209	,090	,196	2,314	,022	,922	1,084

a. Dependent Variable: QD__total

Excluded Variables^d

Model		Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics		
						Tolerance	VIF	Minimum Tolerance
1	QVMconfiança__total	-,210 ^a	-2,529	,013	-,223	1,000	1,000	1,000
	QVMalienação__total	,129 ^a	1,354	,178	,122	,782	1,280	,782
	QVAalienação__total	,179 ^a	2,065	,041	,184	,927	1,079	,927
2	QVMalienação__total	,060 ^b	,608	,544	,055	,703	1,422	,703
	QVAalienação__total	,196 ^b	2,314	,022	,206	,922	1,084	,922
3	QVMalienação__total	,035 ^c	,353	,725	,032	,694	1,442	,694

a. Predictors in the Model: (Constant), QVPalienação__total

b. Predictors in the Model: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total

c. Predictors in the Model: (Constant), QVPalienação__total, QVMconfiança__total, QVAalienação__total

d. Dependent Variable: QD__total